

Manoel Pereira da Rocha Neto

**Jornal das Moças (1926-1932):
Educadoras em manchete**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, 2002

Índice

1	Justificando a pesquisa	9
1.1	Sobre o objeto: <i>Jornal das Moças</i>	9
1.2	Caminhos metodológicos	21
1.3	Historiando a minha prática	34
2	Configurando o espaço	39
2.1	A cidade de Caicó/RN	39
2.2	Mulheres de Caicó	54
2.3	Júlia Augusta de Medeiros: mulher à frente de seu tempo	62
2.4	Dolores Diniz: pacata, cordial e simples	74
2.5	Georgina Pires, fundadora do <i>Jornal das Moças</i>	81
2.6	Educação em Caicó	87
2.7	Colégio Santa Teresinha: primeiro colégio femi- nino de Caicó	95
3	Conclusão	101
4	Bibliografia	107

*Dissertação apresentada como exigência parcial
à obtenção do título de Mestre em Educação,
à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em
Educação da UFRN, sob a orientação da prof.^a Dr.^a Maria
Arisnete Câmara de Moraes*

Agradecimentos

À Prof.^a Dr.^a Maria Arisnete Câmara de Moraes, orientadora e coordenadora da Base de Pesquisa Gênero e Práticas Culturais: abordagens históricas, educativas e literárias, pela dedicação e puxões de orelha constantes, resultando no meu crescimento intelectual.

À Prof.^{ta}. Dr.^a. Rosanália de Sá Leitão Pinheiro, pelas suas contribuições intelectuais e observações pertinentes para finalizar este trabalho.

À Maria da Conceição Rocha de Oliveira, minha mãe, pelo apoio em casa.

Ao meu irmão, Cláudio de Oliveira, pela contribuição na ilustração deste trabalho.

À professora Otêmia Porpino Gomes, pela gentileza em indicar livros e documentos pertinentes.

Ao amigo Alfredo Guerra da Costa Machado, pela ajuda documental e incentivo constante.

Ao amigo jornalista Marcelo Henrique Tavares, pela paciência ao diagramar este trabalho.

À amiga Elisângela de Araújo Nogueira, pelo companheirismo na pesquisa desde o período da Iniciação Científica.

Aos professores e pesquisadores da Base de Pesquisa Gênero e Práticas Culturais: abordagens históricas, educativas e literárias.

À Guga Gurgel, por disponibilizar diversos exemplares do Jornal das Moças.

Ao Pe. Antenor Salvino de Araújo, pároco de Caicó, pela receptividade em sua terra.

À senhora Alice Gurgel Guerra, pela gentileza de doar fotografias para compor este trabalho.

Às filhas de Georgina Pires, Salete Pires, Georgete Pires e Salete Pires.

Às mulheres de Caicó, representadas pelas senhoras Maria do Rosário Vale, Euza Monteiro, Eldi Monteiro, Mirinha Dantas, Ivete Dantas e Maria das Dores Medeiros.

Às memórias de Lavanere Renovato de Oliveira, meu pai, e de Sheyla Sena de Melo, jornalista e caicoense da melhor estirpe.

Resumo

A pesquisa, que ora apresento, tem como objetivo investigar o *Jornal das Moças* (1926-1932), enfatizando a presença das professoras Georgina Pires, Dolores Diniz e Júlia Augusta de Medeiros, mulheres que produziram o jornal em Caicó, no Rio Grande do Norte. Analiso as práticas de escrita dessas mulheres, salientando os aspectos educacionais, a questão de gênero e as relações que se estabelecem na sociedade, na tentativa de contribuir com a historiografia da educação no Brasil, durante a década de 1920. Utilizo como fonte, exemplares disponíveis do *Jornal das Moças*, entrevistas com historiadores, familiares e pessoas vinculadas às citadas professoras. Observei que essas mulheres fizeram o jornal acontecer, numa época em que a configuração social de sua comunidade reservava à mulher, apenas o domínio do espaço privado. Os resultados da pesquisa balizam para constatar que esse impresso foi um veículo de comunicação inovador, tornando-se um dos instrumentos dos quais as mulheres puderam extrapolar as barreiras do seu espaço, atuando na imprensa, território predominantemente masculino. Inferindo no cotidiano através dos seus textos jornalísticos e dos movimentos culturais, educacionais e comportamentais, essas mulheres teceram suas conquistas, ocupando posições de destaque no campo da educação e da comunicação.

Capítulo 1

Justificando a pesquisa

É pela memória que se puxam os fios da história. Ela envolve a lembrança e o esquecimento, a obsessão e a amnésia, o sofrimento e o deslumbramento. (...) Sim, a memória é o segredo da história, do modo pelo qual se articulam o presente e o passado, o indivíduo e a coletividade. O que parecia esquecido e perdido logo se revela presente, vivo, indispensável (Ianni, Octavio, 1998, p.78).

1.1 Sobre o objeto: *Jornal das Moças*

O presente trabalho é vinculado à *Base de Pesquisa Gênero e Práticas Culturais: abordagens históricas, educativas e literárias* e ao projeto integrado *História dos Impresses e a Formação das Leitoras/CNPq*. O estudo tem como objetivo relatar a trajetória de mulheres que contribuíram para a educação no estado do Rio Grande do Norte, fazendo uma análise da participação feminina na imprensa norte-rio-grandense na década de 1920. A pesquisa investiga o *Jornal das Moças* (1926-1932), enfatizando a presença das professoras **Georgina Pires, Dolores Diniz e Júlia Augusta de Medeiros**, que fizeram o jornal acontecer. O motivo de pesquisar essa publicação surgiu do caráter inovador e pioneiro de suas técnicas jornalísticas.

O referido jornal era uma publicação semanal, dedicada ao interesse da mulher. Sua circulação iniciou-se no dia 07 de fevereiro de 1926, na cidade de Caicó, no Rio Grande do Norte. Além de editado pela professora Georgina Pires e gerenciado por Dolores Diniz, o periódico contava também com as redatoras Júlia Medeiros, Santinha Araújo, Maria Leonor Cavalcante, Julinda Gurgel, como também várias moças da sociedade caicoense. Esse grupo de mulheres se propunha escrever sobre literatura, humorismo e críticas com relação à condição da mulher na sociedade northerio-grandense. Colaboravam também para o jornal os senhores Renato Dantas, Janúncio Bezerra da Nóbrega e José Gurgel de Araújo. A folha enquadrava-se nos padrões dos grandes jornais da época no estado, no que se refere às técnicas gráficas, como por exemplo, os periódicos *A República*, de Natal, e o *Jornal do Seridó* (1927-1929) de Caicó, entre outros.

Do tipo tablóide, com 28 cm de largura por 38 cm de altura, com cerca de três colunas em cada página - as primeiras edições tinham o formato de duas colunas apenas - e impresso em papel jornal, com folhas soltas dobradas em forma de caderno, o periódico mantinha uma redação permanente e sua distribuição era feita através de venda avulsa nas bancas e por assinatura. Fato esse inédito para um jornal feminino no Rio Grande do Norte, visto que os jornais editados por mulheres, em sua grande maioria, eram manuscritos. Ao passo que o tablóide de Caicó já utilizava técnicas jornalísticas, como a diagramação, formato de três colunas, distribuição nas bancas da cidade, como também as assinaturas de seus exemplares. Essas assinaturas tinham os seguintes valores: anual 10 mil réis; semestral 8 mil réis; trimestral 4 mil réis e a venda avulsa 200 réis (Melo, 1987, p.28).

O *Jornal das Moças* (1926-1932) registra o sucesso dessas assinaturas, através da coluna de cartas. Publicou em suas edições correspondências de seus leitores, comprovando a boa aceitação de jornal em Caicó e também em outras cidades do estado. Várias cartas foram enviadas à redação do jornal, felicitando e parabenizando.

zando o corpo redacional pela iniciativa do impresso em irradiar o pensamento das mulheres caicoenses.

Leitores das cidades de Natal, Ceará-Mirim e Lajes, entre outros municípios norte-rio-grandenses, demonstraram a sua satisfação ao ler o jornal, bem como o interesse de tornarem-se leitores assíduos do *jornalzinho*, como as professoras Helena e Josepha Botelho, da cidade de Ceará-Mirim:

Ao distinto corpo redacional do “Jornal das Moças”. Helena e Josepha agradecem a remessa do seu muito apreciado *jornalzinho*. Aliamos os nossos sinceros aplausos e a nossa inteira solidariedade, fazendo votos de prosperidade pela sua novel existência. Assinam Helena e Josepha Botelho (Jornal das Moças, 11/04/1926).

A professora Berthilde Guerra, residente em Natal, mostrava-se interessada na leitura periódica do jornal:

Cara amiguinha do Jornal das Moças, saudações cordiais. É com grande regozijo que tenho lido vosso interessante *jornalzinho*. Lamento ser já tão tarde para apresentar os meus efusivos parabéns à jovem e distinta falange que tão nobremente vem combatendo por um ideal tão sublime que é o amor, a cultura das letras (...) aproveito a oportunidade para pedir uma assinatura do vosso *jornalzinho* para cujo fim envio a respectiva importância. As vossas prezadas ordens, amigas administradoras. Assina Berthilde Guerra (Jornal das Moças, 23/05/1926).

Da cidade de Lajes, as redatoras do *Jornal das Moças* (1926-1932) receberam os parabéns pela vitória alcançada, da assinante Ilnah Pereira:

Tendo recebido os números do novo órgão que circula na próspera Caicó (...) é impossível deixar de

dizer algo às amiguinhas que tanto prazer proporcionam com a leitura do muito apreciado jornalzinho. É bem de elogios o sonho que tão digna plêiade de senhoritas caicoenses levou a efeito. Levo, pois, às dirigentes de bem acolhido órgão, o meu voto de prosperidade e os sinceros parabéns pela vitória alcançada.

O impresso extrapolou as fronteiras do município de Caicó, abarcando um número maior de leitores no estado e sendo alvo de elogios em outros veículos de comunicação. A edição do *Jornal das Moças* (1926-1932) datada de 4 de abril de 1926, publica uma nota veiculada no *Jornal do Sertão*, editado na cidade de Patos, na Paraíba:

Recebemos a gentil visita do “Jornal das Moças”, mimoso porta-voz das inteligentes filhas de Caicó, no vizinho estado do norte. O *Jornal das Moças*, cujo corpo redacional é composto por Georgina Pires, Dolores Diniz, entre outras senhorinhas, traz seleta colaboração que auto-proclama o amor das moças caicoenses pelas causas do espírito (...). O interessante semanário apresenta feição material muito atraente (*Jornal das Moças*, 04/04/1926).

A imprensa da capital norte-rio-grandense também fez registro do *jornalzinho* nas suas páginas, através do jornal *A Imprensa*, diário dirigido por Luís da Câmara Cascudo. A edição do *Jornal das Moças* (1926-1932) de 18 de abril de 1926 registra:

“A Imprensa”, de Natal, importante diário dirigido pelo brilhante intelectual patricio Dr. Luís da Câmara Cascudo (...), publicou após receber a edição de número quatro do nosso jornalzinho: “Visitou-nos o número 4 do *Jornal das Moças*, órgão literário, humorístico e crítico que se publica em Caicó, sob a

direção e gerência de nossas ilustres con freiras Ge-
orgina Pires e Dolores Diniz. O *Jornal das Moças* é
bem feito, e apesar de pequenino traz leitura variada,
abordando assuntos de valor.

O sucesso do semanário feminino perdurou até o ano de 1932. Segundo o Padre Eymand L'Eraistre Monteiro (1999, p.82), ao suspender a circulação do jornal, naquele ano, suas dirigentes de-
ram um balanço no caixa e encontraram um saldo de 120 mil réis, que foi assim distribuído: 100 mil réis para os pobres da locali-
dade de São Vicente e 20 mil réis para Manuel Rodrigues Filho, o tipógrafo do jornal.

Um fato curioso sobre o prédio onde funcionou a tipografia do *Jornal das Moças* (1926-1932), na praça da Liberdade, diz respeito a um sobrado do século XIX, de linhas arquitetônicas arrojadas. Segundo populares de Caicó, a construção foi colo-
cada abaixo recentemente, por aproximadamente cinquenta ho-
mens, na *calada da noite*, ou seja, *anoiteceu e não amanheceu*. O motivo da demolição foi a informação de que o referido sobrado faria parte do patrimônio arquitetônico da cidade, a ser preser-
vado. Temendo ficar no prejuízo, o seu proprietário mandou de-
molir, negociando, posteriormente, o terreno. No local foi erguido um condomínio moderno de quatro andares.

Nas páginas do *Jornal das Moças* (1926-1932), eram publi-
cadas curiosidades da cidade, artigos e crônicas de interesse fe-
minino, literatura, poesias, pensamentos, colunas sociais, aconte-
cimentos da sociedade caicoense, amenidades em geral, notas
diversas e questionamentos sobre a condição da mulher na socie-
dade.

Na sua edição inaugural datada de 7 de fevereiro de 1926, o periódico publicou na primeira página um artigo intitulado *o Jor-
nal das Moças*, assinado por Renato Dantas, um dos poucos cola-
boradores do sexo masculino. O mesmo versa sobre a importância
daquele jornal:

(...) Será este um semanário de caráter independente, noticioso, e contará com assídua colaboração das nossas conterrâneas. Como se trata de um órgão fundado por moças de nossa melhor sociedade, certo ele trará ensejo para o desenvolvimento da mulher caicoense, que já se há afirmando propendente às lides jornalísticas. Caicó está, portanto, de parabéns com a criação do Jornal das Moças.

No fragmento percebe-se a importância do impresso que acabara de nascer, tornando-se o veículo das idéias e opiniões das moças caicoenses. Na mesma edição de estréia da folha, um outro artigo, intitulado *Surtos de progresso*, por sua vez sem autoria, ressalta também esse acontecimento:

Com o desenrolar dos tempos modernos e progressistas, a mulher caicoense compreendeu que havia um vácuo a preencher no mundo literário do Caicó. E por isso, fundou o seu jornal (...). O jornalzinho viverá porque para tal foi emprestado o brilho, a tenacidade e a força de vontade desse punhado de conterrâneas, que certamente lhe vão bordar as colunas dos mais agradáveis artiguetes (Jornal das Moças, 07/02/1926).

Esse jornal possuía como epígrafe: *Literatura, humorismo e crítica*, que traduzia o tripé de sua linha editorial. Ao analisar diversos exemplares, percebo que era comum o uso de *notinhas* e *pensamentos* de caráter crítico, relacionados ao comportamento masculino da década ora investigada. As editoras faziam uso desses artifícios para completar a diagramação do jornal e também como forma de estimular e divulgar as assinaturas daquele periódico:

A mulher é o símbolo da alegria e da paz; a formosura de todas as formosuras; o homem é uma criança traquina e volúvel, que se deixa arrastar ao impulso de um pequeno capricho (Jornal das Moças, 23/02/1928).

O homem tem três caracteres: o que tem, o que mostra e o que pensa ter. A mulher, pelos seus sentimentos de bondade, apresenta caracteres que não se podem descrever (Jornal das Moças, 31/07/1926).

Assine o Jornal das Moças, ele estimula o desenvolvimento intelectual dos seus filhos (Jornal das Moças, 15/08/1926).

A folha feminina tinha um projeto gráfico definido, procedimentos jornalísticos como a impressão, produção de texto jornalístico e, principalmente, a diagramação. Ao executar o processo de diagramação, as editoras já utilizavam o conhecimento das técnicas jornalísticas com relação à disposição das matérias nas páginas do jornal. Ao distribuir as matérias, havia a preocupação de valorizar o assunto publicado obedecendo à trajetória do campo visual do leitor, através das zonas de visualização da página, de acordo com os interesses das produtoras.

Numa página de jornal podem ser observadas zonas de visualização. Preocupado com esse assunto, Alberto Dines observa que a grafia ocidental da esquerda para a direita, no sentido horizontal, é um dos alicerces do percurso obrigatório dos olhos, influenciando decisivamente em nosso comportamento (Dines, 1974, p. 96).

Do mesmo modo, preocupado com o movimento ótico e o condicionamento ocidental de leitura da esquerda para a direita, Arnold (1965, p.18) adverte sobre as zonas de visualização da página impressa. Numa página de jornal, facilmente se identifica, segundo esse autor, as zonas de visualização. São elas: a principal, que se localiza no alto à esquerda; a zona secundária, situada à direita na parte inferior da página do jornal; a zona morta, que fica à direita no alto e à esquerda embaixo da página; o centro ótico, localizado no centro da página; e por fim, o centro geométrico, também situado no centro da página.

Rabaça (1978, p.155), a respeito da diagramação no jornalismo, explicita que diagramar é fazer o projeto da distribuição

gráfica das matérias a serem impressas, como o texto, títulos, fotos, ilustrações, de acordo com determinados critérios jornalísticos e visuais. Seria distribuir técnica e esteticamente, em um desenho prévio, as matérias destinadas à impressão.

Em termos de programação visual, a diagramação é o projeto, a configuração gráfica de uma mensagem colocada em determinado campo, como página de livro, revista, jornal, cartaz, que serve de modelo para a sua produção em série. A preocupação do programador visual é dar a tais mensagens a devida estrutura visual a fim de que o leitor possa discernir, rápida e confortavelmente, aquilo que para ele representa algum interesse. As decisões mais importantes a serem tomadas no ato da diagramação são normalmente formuladas sob os seguintes aspectos básicos: as idéias que as palavras deverão representar; os elementos gráficos a serem usados; a importância relativa das idéias e dos elementos gráficos; a ordem de apresentação (Silva, 1985, p.43).

Adotando algumas dessas orientações técnicas, uma publicação pode ser considerada, dentro dos critérios jornalísticos, um bom jornal. Por esse motivo, o periódico caicoense pode ser classificado como inovador face às outras publicações femininas do estado, visto que a maioria dos jornais produzidos por mulheres, que circulou no Rio Grande do Norte, era manuscrita, como por exemplo, o jornal *A Esperança* (1903-1909), editado no município de Ceará-Mirim.

O jornal caicoense não inova apenas na linha editorial e na sua forma gráfica. Havia também no impresso uma página de anúncios, que circulou de fato, após três meses da sua fundação. Investigando os exemplares daquele período, percebo que isso aconteceu a partir da edição de 23 de maio de 1926.

Com a boa aceitação e a circulação nas grandes rodas sociais da cidade, causando curiosidade e admiração das moças e senhoras, o comércio de Caicó encontrou nas páginas do *Jornal das Moças* (1926-1932) o meio ideal para divulgar seus produtos para o segmento feminino. Eram veiculados anúncios de lojas de fazendas finas, de chapéus, de guarda-sol e adornos para tornar as

moças da sociedade da cidade mais belas, bem como para ambos os sexos. Endereços da moda e da elegância como a *Casa da Torre*, *Casa Dias & Araújo*, *Casa Soares Araújo* e *Loja Avenida* e até serviços odontológicos do cirurgião *Dentista J. Freire* e do produto *Dentefácil*, vendido na *Farmácia Gurgel*. Esses anúncios circularam a partir da edição de 23 de maio de 1926:

Instalada em prédio confortável, chama a atenção da distinta família caicoense para o variado sortimento de fazendas finas, artigos da última moda: charmeuse, crepes da China, voiles bordados, organdys bordados (...) lindo sortimento de chapéus, última novidade para senhoras, senhoritas e homens. Uma visita à loja Avenida é economizar dinheiro e comprar com satisfação.

O dentista J. Freire, cirurgião dentista pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, possuindo completo instrumental de gabinete e prótese, pratica com absoluta segurança: dentaduras duplas, coroas de porcelana sintética, ouro e platina, blocos e incrustações a ouro e porcelana. Extrações sem dor, etc.

Dentefácil, preparado exclusivamente do Dr. Sabino Pinho, premiado em várias exposições do estrangeiro e também com medalha de ouro, no centenário da Independência do Brasil. Facilita a dentição e torna as crianças alegres, sadias, fortes, robustas e bem dormidas. Não sendo do Dr. Sabino é falso. Vende-se na Farmácia Gurgel.

Estes fragmentos de anúncio configuram não apenas o hábito da mulher caicoense em vestir-se elegantemente nos eventos sociais, mas também o costume de usar dentes de ouro e porcelana, como forma de ostentação.

Uma página inteira para anúncios e a frequência dos citados anunciantes caracterizavam o prestígio que o *Jornal das Moças* (1926-1932) detinha na sociedade local. Os anúncios viabilizaram a circulação da folha até meados dos anos de 1930. Com o sucesso do *Jornalzinho*, como era mais conhecido pelas moças da cidade, a mulher de Caicó, enfim, teve oportunidade de escrever sobre assuntos de seu interesse. A edição de 28 fevereiro de 1926, por exemplo, retratava, em uma nota intitulada *Colaboração*, a vontade e a participação efetiva das moças em colaborar com a folha:

Diante do pequeno espaço para acolher a colaboração distinta das nossas muitas amigas, não publicaremos nenhum artigo que exceda a duas tiras de papel almaço. Pedimos também, às distintas colaboradoras, escreverem seus artigos com letra bem legível. Portanto, para que nenhuma fique zangada conosco (...).

Nesse contexto as mulheres reverberavam pelo *jornalzinho* suas idéias, pensamentos e seus movimentos culturais. Elas começaram a produzir e participar na imprensa norte-rio-grandense, de modo mais abrangente.

No Brasil, o ápice da imprensa feita pelas mulheres aconteceu no período de 1850 a 1910. Nesta época, os impressos direcionados para as mulheres ganhavam espaço na imprensa em geral, principalmente na carioca, onde jornais como *O Jornal das Senhoras* (1852), *Belo Sexo* (1862), *Biblioteca das Senhoras* (1874), *O Bisbilhoteiro* (1889), *Eco das Damas* (1879-1882), *Recreio do Belo Sexo* (1856), *Recreio das Moças* (1876-1877), *O Direito das Damas* (1882) e tantos outros, circularam no Rio de Janeiro (Morais, 1996, p.109).

Segundo Buitoni (1986, p.37) o primeiro jornal de caráter feminino no Brasil nasceu no Rio de Janeiro e chamava-se *O Espelho Diamantino* (1827). Este periódico, lançado em 1827, continha política, literatura, belas-artes e modas. Em 1831, em Recife, surgiu o possível segundo periódico feminino brasileiro, de-

nominado *O Espelho das Brasileiras* (1831). Outros se seguiram: *Jornal de Variedades* (1835), *Relator de Novellas* (1838). No Rio surge, em 1839, o jornal semestral *Correio das Modas* (1839-1841) da casa Laemmert, com bastante literatura, crônica de bailes e teatros e figurinos pintados à mão, oriundos da França. Eram os primeiros passos da participação da mulher na imprensa do Brasil.

Desse modo, percebo que literatura e jornalismo andavam juntos nesse dado período histórico, como assinala Buitoni (1986, p.38): *Literatos ora transformavam-se em jornalistas e vice-versa*. Outras publicações surgiram como, por exemplo, *A Estação* (1879-1904). Com excelente figurino e bem impressa, é considerada uma das mais importantes revistas femininas do final do século XIX. Há ainda *A Mensageira* (1897-1900), de São Paulo e a *Revista da Semana* (1901), do Rio de Janeiro.

A publicação *Kosmos* (1904), além de contar com grandes nomes da literatura em suas páginas, tinha excelente apresentação gráfica. Três títulos críticos, *O Malho* (1902), *Fon-Fon* (1907) e *Careta* (1908), vieram introduzir novas formas de linguagem humorística. Calixto, J. Carlos e Nair de Tefé, sob o pseudônimo de Rian, faziam caricaturas da sociedade carioca (Buitoni, 1986, p.42-43).

Em meados de 1914, surge no Rio de Janeiro a *Revista Feminina*, que circulou até 1936. Essa publicação foi o exemplo perfeito da vinculação imprensa/indústria e publicidade nascente, pois deve sua existência a uma bem-montada sustentação comercial, hoje defasada, mas que logrou êxito naquela época.

O *Jornal das Moças* (1926-1932), assim como a *Revista Feminina* (1914), são impressos com características e estruturas organizacionais de uma “*pequena empresa de comunicação*”, salientando as devidas proporções da época. É bem verdade que esses veículos de comunicação eram de pequeno porte e diferentes dos grandes grupos de comunicação dos nossos dias. Entretanto, suas editoras já estavam sintonizadas com o advento da modernidade

e da industrialização nascentes, contribuindo para que esses impressos se tornassem inovadores para os anos de 1920.

Ciro Marcondes Filho (2000, p.48), em seu estudo intitulado *Comunicação e Jornalismo, a saga dos cães perdidos*, ao fazer uma classificação da História do jornalismo assinala as cinco etapas distintas do jornalismo: O jornalismo *Pré-histórico* (1631-1789), considerado artesanal; o *Primeiro jornalismo* (1789-1830), de teor político-literário; o *Segundo jornalismo* (1830-1900), denominado como imprensa de massa; o *Terceiro jornalismo* (1900-1960), assinalado como imprensa monopolista e, por fim, o *Quarto jornalismo* (1970-até os nossos dias), sendo este o jornalismo de informação eletrônica e interativa. Nesta linha de raciocínio, o *Jornal das Moças* (1926-1932) se insere no *Terceiro jornalismo* (1900-1960), época caracterizada como uma imprensa monopolista, de grandes rubricas políticas ou literárias e páginas-magazine: esporte, cinema, rádio, teatro, feminino.

No entanto, o impresso das moças caicoenses desvirtua-se, de certo modo, da classificação genérica de Giro Marcondes. Apesar de ser um impresso para a mulher e tratar de assuntos como o feminino, teatro, política, entre outros, a publicação, mesmo caracterizada de vanguarda para aquele período, de longe pode ser considerada como *monopolista* e de grande *peso político*. A folha caicoense era detentora, em sua linha editorial, do pensamento das mulheres. Em suas páginas há registros de críticas políticas e administrativas das autoridades locais e ao comportamento pré-estabelecido para as mulheres naquela comunidade. O jornal era um canal de comunicação no qual as mulheres de Caicó se faziam ouvir.

Essa folha sempre esteve pautada em abrir espaço para a mulher de Caicó se fazer presente na vida social e cultural daquele município. Através do jornal, analiso as práticas de escrita das professoras Georgina Pires (fundadora do jornal), Dolores Diniz (gerente) e Júlia Augusta de Medeiros (redatora e colaboradora). Escolhi estas três mulheres, entre as outras colaboradoras, devido à atuação de destaque na vida cultural e social de Caicó naquela

época. Minha intenção não é reconstituir a trajetória de vida dessas professoras, mas rastrear as suas práticas educativas, num período em que à mulher era reservado apenas o espaço privado.

Desta forma, através do meu objeto de pesquisa, o *Jornal das Moças* (1926-1932), é possível configurar e investigar essas mulheres consideradas anônimas pela História tradicional, mas que dentro de um dado período e dado local também fizeram a sua história. Uma história à margem da historiografia oficial, mas que configurada nesta pesquisa demonstra as lutas por novas conquistas sociais para a mulher norte-rio-grandense.

1.2 Caminhos metodológicos

Para realizar este trabalho, desenvolvi uma pesquisa sobre a participação feminina na imprensa do Rio Grande do Norte, em particular a imprensa escrita da cidade de Caicó.

Inicialmente cataloguei as primeiras publicações dirigidas para o público feminino produzidas no Rio Grande do Norte, dentre as quais cito o jornal manuscrito *A Esperança* (1903-1909); revista literária *Via Láctea* (1914-1915); salientando, também, a revista *Cigarra* (1928-1929), que era dirigida a ambos os sexos.

Através dessas publicações pude então iniciar a busca de documentos e reportagens que nortearam o meu objeto de estudo. Percorri o Arquivo Público Estadual, A Biblioteca Câmara Cascudo, O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a Biblioteca Central Zila Mamede, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sebos de livros usados, acervos particulares como os do historiador Luciano Nóbrega. O sr. Nóbrega contou-me, nas minhas idas e vindas à sua residência em Natal, na rua Olavo Montenegro, nº 2993, em Capim Macio, a trajetória das editoras do *Jornal das Moças* (1926-1932) e dos movimentos culturais de Caicó na década de 1920. Em uma das minhas visitas, ele me apresentou uma *candeia*. O objeto faz parte do seu acervo particular e pertencia ao Padre Francisco de Brito Guerra,

no final do século XIX. Segundo ele, a *candeia* era utilizada para iluminar as residências sertanejas e geralmente ficava em cima do móvel denominado *caritó*.

Devido à escassez de documentos e publicações sobre o meu objeto de pesquisa e informações das professoras que editaram o jornal, realizei entrevistas com Alcione Pires, Salete Pires e Georgete Pires, filhas de Georgina Pires, fundadora do *Jornal das Moças* (1926-1932). Entrevistei também as senhoras Eldy Monteiro e Euza Monteiro, residentes em Natal à rua Professor Fontes Galvão, no Centro; com os senhores Manoel Alves de Melo e José Brito de Oliveira, naturais de Caicó e residentes no Conjunto Pirangi, em Natal. Eles foram testemunhas das práticas da professora Júlia Augusta de Medeiros.

Ao entrevistar a professora e jornalista Otêmia Porpino Gomes, tomei conhecimento de material importante para a minha pesquisa. Tratava-se de algumas cópias do *Jornal das Moças* (1926-1932) e uma bibliografia pertinente à história de Caicó, à imprensa norte-rio-grandense e à participação da mulher na imprensa.

Cito como exemplo as publicações: *Caicó, subsídios para a história completa do município* (1999), do Padre Eymard L'Eraistre Monteiro, que faz uma radiografia minuciosa daquele município; *A imprensa periódica no Rio Grande do Norte de 1832 a 1908* (1998), de Luiz Fernandes; e *Imprensa feminina* (1986), de Duciília Schoreder Buitoni, que versa sobre a participação da mulher nos jornais femininos brasileiros.

Através do historiador Olavo Medeiros Filho, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, conheci a sua obra intitulada *Caicó cem anos atrás* (1980). Nessa pesquisa, o autor retrata a configuração daquela cidade no final do século XIX, bem como a reconstituição da origem das famílias tradicionais da região do Seridó. Essas informações foram de relevante importância para investigar o perfil das mulheres que atuaram no *Jornal das Moças* (1926-1932).

Obstinado em coletar ainda mais subsídios para realizar o tra-

balho, empreendi viagens em busca de informações que me ajudassem a elucidar o meu objeto de pesquisa. Em João Pessoa, entrevistei o Sr. Oriel Soares Diniz, com 80 anos em abril de 2002, o irmão caçula de Dolores Diniz; em Caicó, fui assessorado pelo pároco da cidade, o Padre Antenor Salvino de Araújo, que me recebeu de maneira calorosa ao falar sobre a professora Júlia Medeiros.

Por meio do referido Padre entrevistei, em maio de 2002, as seguintes senhoras: Iara Rocha Diniz, parente de Dolores Diniz; Maria Melo Mariz, que falou sobre Júlia Medeiros; Maria do Rosário Vale, que me forneceu informações e documentos pessoais de sua amiga Dolores Diniz.

Na ocasião, também entrevistei as sobrinhas da professora Júlia Medeiros, as senhoras Ivete Dantas Veras e Maria Julieta Dantas, esta mais conhecida na cidade como *Dona Mirinha*. Elas prestaram informações de grande relevância para esta pesquisa, como também diversas fotografias de sua tia, que ajudam a compor este trabalho.

Na oportunidade, o escritor Nilson de Brito me ofereceu um dos seus livros de poesias, intitulado *Brasil 500, ano 2000* (1999) e levou-me ao local onde provavelmente nasceu a cidade, a *casa de pedra*, considerada a primeira casa de Caicó, e o *Poço de Sant'Ana*, que se localiza às margens do Rio Seridó.

Por fim, entrevistei a professora da UFRN, Maria das Dores Medeiros, que gentilmente me forneceu fotografias das moças da cidade na festa de Sant'Ana da década de 1920; o historiador e pesquisador Aduino Guerra Filho, que relatou sobre as práticas jornalísticas de Dolores Diniz e o neto do proprietário da tipografia onde o *Jornal das Moças* (1926-1932) era impresso, o Sr. Pedro Militão Neto.

Mas foi ao conversar em Natal com o Sr. Nemias Gurgel, mais conhecido como *Guga Gurgel*, que pude enfim analisar o *Jornal das Moças* (1926-1932). Ele forneceu parte dos exemplares da coleção do seu pai, o farmacêutico José Gurgel de Araújo, um dos poucos colaboradores masculinos do jornal. Segundo ele, o seu pai

escrevia no *Jornal das Moças* (1926-1932) com o pseudônimo de *Flor de Liz*.

As entrevistas foram de grande importância para a pesquisa, pois indicaram-me os caminhos a percorrer. Caminhos que me confirmaram a relevância desta pesquisa e muito me ajudaram a conhecer o perfil das mulheres que atuaram no *Jornal das Moças* (1926-1932).

Com esse material em mãos e a orientação presente da professora Maria Arisnete Câmara de Moraes, pude então traçar o meu plano de pesquisa e desenvolver o trabalho que ora apresento.

A análise do material selecionado possibilitou-me investigar a maneira inovadora das práticas de escrita de mulheres para os padrões sociais vigentes nas primeiras décadas do século XX. Nesse período a configuração social e econômica no Brasil e em diversas partes mundo limitava a participação do sexo feminino praticamente ao espaço privado.

Na Europa do início do século XX, as mulheres ainda lutavam para conquistar espaços no mercado de trabalho, como também o direito à educação. A socióloga e pesquisadora Lagrave (1991, p.505), discorre que *o jogo entre os sexos permanece desigual, perpetuando ou reinventando formas sutis de segregação na sociedade*.

No limiar do século XX, acreditava-se que muitas transformações referentes à situação da condição da mulher estavam por vir. Seria um novo século de igualdade de direitos entre os sexos, um século de disputa entre homens e mulheres.

Contudo, essa luta continuava a privilegiar os homens. A condição da mulher não era muito diferente de outrora. As estratégias de dominação como, por exemplo, o abandono dos homens em certos empregos na Europa, como os escritórios, objetivavam desvalorizar determinadas profissões.

Essa estratégia permaneceu a cabo durante décadas nos anos novecentos. O procedimento era utilizado como mecanismo de segregação e supremacia de poder masculino:

Quando as mulheres progredem numa profissão ou numa disciplina, os homens abandonaram-na, ou já antes a tinham abandonado. Não é uma situação de rivalidade, nem sequer de justa concorrência, é um abandono silencioso. Essa fuga perpetua o afastamento estrutural das posições de homens e mulheres (Lagrove, 1991, p.506).

As posições de destaque eram exercidas pelos homens, enquanto as mulheres sempre ocupavam funções menos importantes. Essa dominação social não se fazia presente apenas no mercado de trabalho. O sistema educacional da Europa, no início do século XX, também foi alvo dessa estratégia.

Na luta dos direitos das mulheres no Brasil dessa época, destaca-se a figura de Bertha Lutz, que após voltar da Europa, em 1918, assume o comando das campanhas de luta das mulheres brasileiras. Utilizava-se de táticas para avançar nas conquistas sociais. Segundo Soihet (2000, p.98), as mulheres brasileiras, como aquelas da Europa e dos Estados Unidos, reclamavam abertamente direitos, reagindo contra a condição a que estavam submetidas. Algumas se rebelaram abertamente, enquanto a maioria se valia de maneiras mais sutis na ânsia de subverter a situação. Lançavam mão de táticas que lhes permitiam reempregar os signos da dominação, marcando uma resistência.

Sobre táticas, Certeau (1994, p.41) frisa que elas tornam-se necessárias para desvendar as sutilezas engendradas de forma criativa pelos dominados, com vistas a reagir à opressão que sobre eles incide.

Para Thompson (1979, p.51), embora não estabeleça mulheres como objeto específico, dedica especial atenção às manifestações cotidianas de resistência dos subalternos, por meio do mecanismo das táticas. A noção de resistência torna-se, desse modo, fundamental nas abordagens sobre as mulheres e inúmeras historiadoras e pesquisadoras têm se baseado nesse referencial no esforço de reconstrução da atuação da mulher.

Cito como exemplo as obras *Tecendo por trás dos panos* (1994), de Maria Lúcia Rocha Coutinho, que trata da construção dos mecanismos para a conquista do espaço público através das atividades domésticas, e *A pedagogia do espaço público pelas mulheres e a militância de Bertha Lutz*, de Raquel Soihet (2000) que, por sua vez, analisa a luta das mulheres na conquista do espaço público com as práticas da feminista Bertha Lutz.

Era pelo mecanismo de táticas que Lutz e um grupo de mulheres utilizavam-se de um discurso moderado. O cuidado de demonstrar seu discurso moderador estava presente na busca do direito do sufrágio feminino, negado na Constituição de 1891.

Segundo Soihet (2000, p.100), Lutz não pretendia uma associação de “*suffragettes*”, que ameaçasse quebrar as vidraças da Avenida, demonstrando sua posição a certas medidas que caracterizaram fases. Sua proposta era de uma sociedade que compreendesse as mulheres, que esta deve ser útil, instruir-se e ser capaz de cumprir os deveres políticos.

Nesse contexto, inaugura-se a década de 1920. O debate sobre o voto feminino tomou grande impulso nesse período. Lutz estava sempre presente na luta pelo voto, além de participar de diversos movimentos feministas como, por exemplo, a *Liga para Emancipação da Mulher*, fundada por ela.

O jornal *A República*, por sua vez, transcreveu em primeira página um artigo de Lutz intitulado *Emancipação política feminina e o papel da mulher no lar*, publicado no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro. Nele ela defende os direitos políticos para as mulheres e critica o espaço destinado a elas:

(...) quarenta países, dos mais civilizados, já concederam direitos políticos à mulher. Em todos ou outros, ela chama pelo direito de votar e ser votada. O Brasil não constitui exceção. Amparada inicialmente pelas suas justas reivindicações, pelo pequeno e liberal estado do Rio Grande do Norte, vê a mulher brasileira hoje reconhecidos os seus direitos em oito estados (*A República*, 06/08/1929).

O Rio Grande do Norte foi, portanto, o pioneiro na emancipação política, como enfatizou Lutz ao citar o estado como liberal. Foi com Juvenal Lamartine¹, Presidente do Rio Grande do Norte, que o sufrágio feminino foi concretizado. Segundo Soihet (2000, p.103), Lamartine foi um dos primeiros políticos conquistados para a causa feminina e manifestou, em sua plataforma política divulgada em abril de 1927, o propósito de contar com o concurso da mulher não só na escolha daqueles que iriam representar o povo como entre os que iriam elaborar e votar a lei. Antes de sua posse, Lamartine incluiu na legislação do Rio Grande do Norte um dispositivo estabelecendo a igualdade de direitos políticos para ambos os sexos.

Segundo Carvalho (2002, p.57-58), as senhoras e senhoritas do estado promoveram uma grande manifestação no Teatro Carlos Gomes, em Natal, para homenagear Lamartine. Na ocasião, a poeta e jornalista Palmyra Wandeley², que detinha prestígio no

¹Político de família tradicional do Seridó. Foi redator de *A República*, em 1898. Em 1905, foi eleito Deputado Federal, pelo Partido Republicano Federal. No ano de 1927 foi Senador da República pelo mesmo partido. Em 1928, foi eleito Governador do Estado do Rio Grande do Norte. Na sua administração promoveu a renovação dos serviços públicos. Modernizou o fisco, as mesas de renda e a contabilidade pública, entre outras realizações. Conseguiu, antes de ocupar o cargo de Presidente do Rio Grande do Norte, incluir na Legislação do estado um dispositivo estabelecendo a igualdade de direitos políticos para ambos os sexos, passando o Rio Grande do Norte a ser o primeiro Estado de raça latina onde as mulheres tiveram os seus direitos políticos reconhecidos. Morreu em Natal no dia 18 de abril de 1956 de um enfarte (Lamartine, 1965, p. 127).

²Poeta e jornalista, fundou a revista literária *Via Láctea* (1914-1915), sendo esta a primeira revista feminina que circulou em Natal. Para dirigir a revista, de publicação mensal, ela contou com a parceria da sua prima Carolina Wanderley. Em 1918, publicou em versos seu primeiro livro *Esmeraldas. Roseira brava* (1929), o seu segundo livro de poesias, consagrou-a como uma das maiores expressões da poesia feminina no Brasil, segundo Rômulo Wanderley, no seu trabalho intitulado *Panorama da poesia norte-rio-grandense* (1965, p.145). Ocupou a cadeira de número vinte na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Ela não obteve apenas destaque na literatura, mas também no jornalismo do Rio Grande do Norte, no qual encontramos sua contribuição através de ar-

meio literário e social da capital, proferiu o discurso de saudação ao Dr. Juvenal Lamartine. O seu discurso foi publicado no jornal *A República*:

Saudando, neste momento o Presidente eleito do Estado, em nome da mulher norte-rio-grandense, pago apenas uma dívida de gratidão àquele que se tornou no Brasil o mais brilhante propugnador dos direitos do voto feminino (*A República*, 03/01/1928).

O jornal *A República* publicou, na edição de 18 de novembro de 1927, uma entrevista com o então senador Juvenal Lamartine:

O Rio Grande do Norte, que sabe assim cultivar a mulher, vai fazer agora a justiça que se tem negado: reconheceu-a dando-lhe o direito de tomar parte ativa na direção dos negócios públicos do País. (...) Desde que ingressei na vida pública que me interessei pela colaboração da mulher na política.

Desse modo, as mulheres norte-rio-grandenses tiveram direito de escolher seus dirigentes políticos, tornando-se pioneiras no Brasil. Sobre este fato, Soihet (2000, p.103) registra:

No Rio Grande do Norte, as mulheres, posto que incapazes de exercerem os direitos políticos no plano federal, continuaram a exercê-los no âmbito estadual. Não só atuaram como eleitoras, como também foram eleitas. Destacou-se a prefeita Alzira Soriano, do município de Lajes.

A prefeita de Lajes, Alzira Soriano, cursou apenas o básico, sendo a vida sua maior escola. Desde cedo se envolveu nos movimentos das minorias, participando da carreira política do pai, o

tigos, crônicas e poesias, e escreveu ainda peças para o teatro e para a Rádio Poti de Natal (Carvalho, 2001, p.78).

coronel Miguel Teixeira de Vasconcelos. Aos 22 anos ficou viúva e era considerada uma mulher bonita, decidida, de inteligência privilegiada e temperamento forte. Tornou-se a primeira prefeita do Brasil e da América do Sul (Rodrigues, 1993, p.75). Alzira Soriano marcou sua administração pelo pioneirismo da gestão feminina e por aspectos inovadores. Uma de suas primeiras ações no cargo foi convocar intelectuais do estado para formar um quadro de secretários que a ajudasse em projetos de educação, saúde, urbanização e construção de estradas.

A revolução de 1930, que aboliu os cargos de prefeito, retirou Alzira Soriano do comando da prefeitura de Lajes, mas seus líderes lhe propuseram a continuidade na administração, como interventora municipal. Ela recusou a oferta, saindo assim, da cena política do Rio Grande do Norte.

Somente em 1945 voltaria à vida pública como vereadora em Lajes. Foi eleita três vezes consecutivas e, liderando a bancada da União Democrática Nacional-UDN, chegou à presidência da Câmara Municipal por mais de uma vez.

Esse contexto de transformações sociais e políticas, nas primeiras décadas do século XX, em particular a década de 1920, fez do Rio Grande do Norte destaque nacional nas lutas pelos direitos políticos femininos no Brasil. As mulheres norte-rio-grandenses foram exemplo da força feminina na política local e nacional.

A Lei nº 660, de 25 de outubro de 1927, regula o serviço eleitoral sancionado pelo presidente do Estado, Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, político que, assim como o então senador Lamartine, era simpático à causa feminina (Rodrigues, 1993, p.65).

A educadora Celina Guimarães, por sua vez, professora de desenho da Escola Normal de Mossoró, fez no dia 25 de novembro de 1927 um requerimento para obter registro como eleitora da cidade de Mossoró.

Segundo Rodrigues (1993, p.72) a petição constava da seguinte solicitação:

Celina Guimarães, filha legítima de José Eustáquio de Amorim Guimarães e Elisa Aguiar de Amo-

rim Guimarães, casada com o Bacharel Eliseu de Oliveira Viana, com 29 anos de idade, residente nesta cidade, achando-se habilitada, como prova com os documentos juntos, para se alistar como eleitora, requer a V. Exa, que se digne mandar incluí-la no rol dos eleitores deste município (...). Na mesma data, um despacho do juiz interino do município, Sr. Israel Ferreira Nunes, defere o pleito, torna-se ela a primeira brasileira com direito a votar.

O deferimento do Juiz Israel Ferreira Nunes, que concedeu o direito a voto a Celina Guimarães, baseou-se no artigo 77 da citada lei de número 660, da Constituição de 1891, do estado do Rio Grande do Norte.

Segundo o pesquisador Rodrigues (p.72), o citado despacho histórico foi vazado nos seguintes termos:

Tendo a requerente satisfeito as exigências da lei número 660, do artigo 77, para exercer a função de eleitora, mando que se inclua o nome nas listas de eleitores. Mossoró, 25 de novembro de 1927.

O jornal *O Mossoroense*³, noticiou o acontecimento na edição de 4 de dezembro de 1927, com o título *A primeira eleitora brasileira*, felicitando a iniciadora do *movimento eleitoral em nossa terra, no Brasil, na América do Sul*.

³Semanário político, comercial, noticioso e literário, nasceu no dia 17 de outubro de 1872, de propriedade de Jeremias da Rocha Nogueira. Declara-se depois “órgão do Partido Liberal de Mossoró, dedicado aos interesses do Município, da Província e da humanidade em geral”. Em 1876, não podendo mais se manter, *O Mossoroense* foi vendido ao Coronel Antônio Soares de Macedo, que passou a imprimir o jornal *O Brado Conservador*, na cidade de Assu. Em 1902, nasce outro jornal com o mesmo título, sendo agora um periódico humorístico e ilustrado, tendo como redatores o coronel Antônio Gomes e Alfredo Melo (Fernandes, 1998, p.132-134).

Em torno da questão do sufrágio feminino, há controvérsias sobre quem realmente foi a primeira mulher a possuir direitos políticos no Brasil. A professora Júlia Alves Barbosa⁴ é vista também como a primeira eleitora.

A imprensa divulgou bastante a questão do voto feminino. Na edição de número três da revista *Cigarra* (1928, p.31), está o registro do voto feminino, em 1928, com fotos da senhorita Júlia Alves Barbosa, assinando seu título de eleitora.

De acordo com Rodrigues (1993, p.72), a senhorita Júlia Alves Barbosa, professora de matemática da Escola Normal de Natal, solteira, conforme a sua completa qualificação, requeria a 22 de novembro de 1927, em Natal, o seu alistamento eleitoral, três dias antes de Celina Guimarães. Entretanto, a sentença do juiz da capital, Manuel Xavier da Cunha Montenegro, somente foi lavrada em 1º de dezembro desse mesmo ano.

Portadora do título de eleitora, Celina telegrafou ao Senado Federal solicitando, em nome da mulher do Brasil, que fosse aprovado o projeto que instituía o voto feminino, amparando seus direitos políticos reconhecidos na Constituição. Ela continuou exercendo as funções de educadora, ao lado do marido Eliseu de Oliveira Viana, também educador.

Observo que o Rio Grande do Norte é um estado pioneiro na luta pelos direitos femininos. Desde a época da poetisa norte-riograndense Nísia Floresta Brasileira Augusta, já ecoavam gritos de liberdade, ainda no século XIX. Aos 22 anos de idade, ela publicou *Direitos da mulher e injustiça dos homens* (1832), que versa sobre a condição feminina na sociedade da época. Nos livros pos-

⁴Educadora diplomada pela Escola Normal de Natal em 1920. Foi a primeira mulher a ensinar matemática na Escola Normal do Estado. Participou do grupo que criou a Associação de Professores do Rio Grande do Norte-APRN, também em 1920. Em 1927, foi eleita para a Câmara Municipal de Natal.

teriores⁵, Nísia abordaria o mesmo tema e mais: a educação, os ideais republicanos, o direito dos índios e dos escravos.

A pesquisa da professora Constância Lima Duarte (1995) intitulada *Nísia Floresta, vida e obra* reconstitui a trajetória dessa mulher na sociedade em busca dos seus direitos, ao mesmo tempo em que mostra sua vasta produção literária. Segundo Cascudo (1977, p.45), *Nísia foi a mais notável mulher de letras brasileira no século XIX*. Ela morreu aos 75 anos de idade, em Rouen, França.

Outra mulher norte-rio-grandense de destaque nas letras é Isabel Urbana de Albuquerque Gondim (1839-1933), mulher que dedicou toda a sua vida à educação. Possuía *grande capacidade de trabalho, lendo, escrevendo, tomando nota até morrer, dedicando toda a sua vida às letras, à educação e à história*. Por esse motivo recebeu, em 1927, por ocasião do primeiro Centenário do Ensino Primário do Brasil, a medalha de mérito: *era a professora mais antiga do estado, então com 88 anos* (Morais, 2001, p.15).

Na obra de Cascudo (1977, p.08) intitulada *O livro das velhas figuras*, ele afirma que Gondim era a *única mulher que tinha coragem de concorrer na produção intelectual ao lado dos homens, ciosos do privilégio antigo*.

Deste modo, pode-se dizer que Isabel Gondim ocupou posição de destaque em meados dos séculos XIX e início do século XX, onde a figura masculina era praticamente hegemônica. Escreveu livros como *Reflexões às minhas alunas*, que trata de orientação ao sexo feminino, e *a Lyra singela*, livro de poesias.

Segundo Moraes (2001, p.20), essa professora considerava a função de educadora mais importante do que qualquer outra atividade a que se dedicava. Teve efetiva participação na educação norte-rio-grandense, divulgando suas concepções educacionais em seus livros.

⁵Em 1849 Nísia Floresta publicou *A lágrima de um caeté*, texto romântico indianista; No ano de 1853 ela publica *Opúsculo Humanitário*; Em 1855 o *Passeio ao Aqueduto Carioca e Páginas de uma vida obscura*, que versam sobre a questão escravista (Duarte, 1995, p.134).

Na imprensa, encontro a participação de Úrsula de Barros Garcia, em 1890. Ela colaborou no jornal *Rio Grande do Norte* (1890-1896), que circulou em Natal. De acordo com Cascudo, no período de 1890 a 1896 o Doutor Amintas Barros, pai de Úrsula, fez parte da direção do referido jornal e a sua filha escreveu crônicas e críticas naquele periódico (1977, p.81).

Segundo Fernandes (1998, p. 91-92), o referido periódico era semanal e a sua primeira edição é datada de 21 de abril de 1890. *Era um jornal com idéias republicanas. Em fevereiro de 1892, começaram a figurar como seus redatores ostensivos os doutores A. de Amorim Garcia, José Gervásio e Amintas Barros.*

Em meados do século XX, surgem *A Esperança* (1903-1909), folha literária manuscrita, produzida por um grupo de jovens mulheres que tinha à frente as professoras Izaura Carrilho e Dolores Cavalcante, na cidade de Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte; o *Via Láctea* (1914-1915), revista literária, em formato de apostilha, editada pelas primas Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley, em Natal. Finalmente, a professora Georgina Pires funda em 1926, em Caicó, o *Jornal das Moças* (1926-1932), objeto desta investigação.

Através dos aportes teóricos da História Cultural, é possível investigar a participação das mulheres na imprensa local, analisar suas histórias de vidas, práticas e experiências culturais.

Na compreensão de Roger Chartier (1990, p.67), há três elementos interligados: os objetos, na sua materialidade, as práticas, nas suas diferenças, as configurações, nas suas variações. Nesta perspectiva, dá-se um deslocamento que vai da história social da cultura para a história cultural da sociedade. A história que trata apenas de grandes feitos, de grandes vultos, se desloca para uma narrativa da cultura, num processo de desconstrução do metier estabelecido (Pinheiro, 1997, p.32).

Com este respaldo teórico, decidi empreender esse trabalho com o desejo de registrar, através das práticas de escrita e análise do periódico caicoense, a atitude ousada e vanguardista dessas mulheres na imprensa norte-rio-grandense.

Movido pelo interesse de analisar o *Jornal das Moças* (1926-1932), pude entender a mulher como comunicadora social, suas práticas de escrita, buscando na História Cultural a possibilidade de estudar essas mulheres, configuradas na cultura social do município de Caicó.

Foi possível trazer para o panorama histórico, professoras, literatas e poetisas que utilizaram as práticas de leitura e escreveram suas reivindicações e anseios, fazendo e refazendo uma nova história.

As histórias de vida das professoras Georgina Pires, Dolores Diniz e Júlia Medeiros têm a mesma importância, sob a ótica da História Cultural, da história tradicional. Portanto, a distinção feita tradicionalmente entre o que é central e o que é periférico perde completamente o sentido.

1.3 Historiando a minha prática

O interesse em pesquisar a participação feminina na imprensa norte-rio-grandense surgiu em 1997, durante o curso de graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, quando cursei a disciplina *História do jornalismo*, ministrada pela professora Otêmia Porpino Gomes.

Através da citada disciplina pude conhecer a história da imprensa no Brasil e também os primeiros periódicos femininos produzidos no Rio Grande do Norte como o jornal manuscrito *A Esperança* (1903-1909), folha literária manuscrita, produzida por um grupo de jovens mulheres lideradas por Izaura Carrilho e Dolores Cavalcante, na cidade de Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte; o *Via Láctea* (1914-1915), revista literária, em formato de apostilha, editado pelas primas Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley, em Natal.

Durante esse período participava das atividades de pesquisa do Núcleo Nísia Floresta de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações Sociais de Gênero-NEPAM/UFRN, onde tive acesso à

pesquisa organizada pelas professoras Constância Lima Duarte e Diva Cunha Macêdo, intitulada *Imprensa feminina no Rio Grande do Norte* (1994), que trata dos periódicos femininos e a presença da mulher na imprensa do estado.

Como bolsista do NEPAM/UFRN, no período de 1997 a 1999, e integrante da Base de Pesquisa *Gênero e Práticas Culturais: abordagens históricas, educativas e literárias*, coordenada pela professora Maria Arisnete Câmara de Moraes, tive oportunidade de estudar as relações sociais de gênero e conhecer as obras *A História Cultural-entre práticas e representações*, de Roger Chartier (1990), que versa sobre apropriações e representações de uma sociedade na perspectiva da História Cultural; *Os excluídos da história*, de Michelle Perrot (1992), obra em que ela faz uma análise dos grupos de excluídos da sociedade como as mulheres, os operários e os prisioneiros; *A escrita da história*, de Michel de Certeau (1982), que aborda o percurso da historiografia ocidental por meio da ideologia, do espaço social, da religião, do mito, entre outros; *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu (1999), em que o autor discute a dominação do sexo masculino como violência simbólica; *Introdução à sociologia*, de Nobert Elias (1970), que analisa o processo de configuração social de uma dada sociedade num dado período histórico.

Por intermédio desses autores citados, estudei conceitos relacionados às práticas de leitura, às interdependências, configurações e apropriações de uma sociedade e histórias de vida, que a história tradicional não relata.

Pude também aliar esses estudos sobre a História Cultural ao jornalismo. Essas obras despertaram ainda mais o meu interesse pela pesquisa histórica e o desejo de ampliar meus conhecimentos.

Desenvolvi, enquanto bolsista, juntamente com o estudante de Comunicação Social Albery Lúcio da Silva, duas pesquisas vinculadas ao então projeto integrado *As leitoras do Rio Grande do Norte (1850-1950)*. São elas: *Mulheres Jornalistas: o desafio da escrita* (1998), apresentada durante a 50ª Reunião Anual da So-

cidade Brasileira para o Progresso da Ciência-SPBC, na UFRN, em 1998, e *A mulher no jornalismo potiguar: do manuscrito ao telejornalismo* (1998), apresentada no XIX Congresso de Iniciação Científica da UFRN, ambas orientadas pelas professoras Otêmia Porpino Gomes e Maria Arisnete Câmara de Moraes.

O meu interesse em estudar foi se ampliando a cada reunião semanal da Base de Pesquisa, conduzida pela professora Maria Arisnete. Nos seminários da Pós-graduação *Gênero, Educação e Literatura* I, II, III e IV, discutiam-se as questões sobre gênero, literatura, práticas de escrita, história da educação no Brasil, conceitos teóricos da História Cultural, ao mesmo tempo em que os Pós-graduandos, Mestrandos e Doutorandos apresentavam suas pesquisas.

A produção de textos também fez parte das atividades desses seminários. Desta forma, toda a turma produziu textos que versam sobre as práticas de leitura, reunidos em livro, intitulado *Memória, Educação e Leitura* (2000), organizado pela professora Maria Arisnete Câmara de Moraes.

Enquanto integrante da Base, escrevi o artigo *A participação da mulher no telejornalismo potiguar*, publicado no jornal *Via Láctea*, do NEPAM-UFRN. O referido artigo trata da participação feminina nas emissoras de televisão do Rio Grande do Norte, de 1972 até 1999, fazendo um levantamento da presença feminina nas emissoras de televisão em Natal. Elas são repórteres, editoras, jornalistas, apresentadoras e até superintendentes de emissoras como, por exemplo, a jornalista Ana Luíza Arruda, diretora de Jornalismo na TV Cabugi, afiliada à Rede Globo de Televisão, e Mícarla de Sousa, diretora e superintendente da TV Ponta Negra, afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão-SBT.

Essa configuração difere de outras capitais do Nordeste como, por exemplo, Recife (PE), Fortaleza (CE) e Maceió (AL), onde, pela observação empírica dos telejornais dessas cidades, e por meio de pesquisas na rede mundial de computadores, nos dos sites TV Gazeta de Alagoas (www.gazeta-oam.com.br), TV Globo Recife (www.globonordeste.com.br), Sistema Verdes Mares de

Comunicação, de Fortaleza (www.verdesmares.com.br) pude notar que a participação feminina na televisão não é tão expressiva quanto à constatada em Natal.

Nesse sentido, decidi fazer a minha monografia da graduação abordando a questão de gênero e a significativa presença da mulher no telejornalismo do Rio Grande do Norte.

A monografia *Telejornalismo feminino: as primeiras imagens*, sob a orientação da professora Josimey Costa, do Departamento de Comunicação Social/UFRN, mostra a participação da mulher no meio televisivo, desde o surgimento da primeira emissora de televisão do estado, a TV Universitária, em 1972. Posteriormente, transformei este trabalho num texto para publicação sob o título *Telejornalismo: a mulher e as primeiras imagens*, que faz parte da coletânea *A Mulher em nove versões* (2001), organizado pela professora Maria Arisnete Câmara de Moraes, editada pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-EDUFRN, em 2001.

Nos tempos idos da televisão potiguar, na década de 1970, a mulher dava os primeiros passos nesse veículo de comunicação, com a participação de Tânia Mendes, jornalista e apresentadora do jornal *Telejornal cinco*, da TV Universitária, emissora pioneira no telejornalismo no Rio Grande do Norte. A pesquisa citada investiga o período compreendido de 1972 até 1999, ano em que concluí a graduação.

Para realizar a monografia, fiz um levantamento da participação feminina na imprensa nos primeiros jornais do início do século XX, abordando a configuração social da época e qual o papel da mulher na sociedade daquele período. Entrevistei a jornalista Tânia Mendes, professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e Vânia Marinho, hoje apresentadora do Bom Dia Rio Grande do Norte, da TV Cabugi, canal 11, afiliada da Rede Globo. Essas duas jornalistas são consideradas pioneiras do telejornalismo norte-rio-grandense.

Na ocasião, visitei todas as emissoras de televisão de Natal:

TV Universitária, (TVE/Cultura), TV Cabugi (Rede Globo), TV Tropical (Rede Record), TV Ponta Negra (SBT) e TV Potengi (Rede Bandeirantes), para catalogar e fazer um levantamento da quantidade de mulheres que trabalhavam como jornalistas em cada estação de televisão.

Os números finais mostram a supremacia, em quantidade, das mulheres nas emissoras de televisão em Natal. Cito, como exemplo, a maior emissora do estado, a TV Cabugi, que tem em sua redação trinta jornalistas, dos quais dezenove são do sexo feminino (Rocha Neto, 1999, p. 55).

É possível afirmar que a mulher busca novos campos de trabalho, como em todas as outras profissões, e deseja conquistar novos espaços, principalmente, os formadores de opinião, como é a imprensa. Há o sentimento de vanguarda da luta dos direitos das mulheres no Rio Grande do Norte, desde o século XIX, com Nísia Floresta; a conquista de direitos antes negados, como o voto, com a norte-rio-grandense Celina Guimarães Vianna, em 1927, e o direito a exercer cargos públicos, como foi o caso da potiguar Alzira Soriano, um ano depois, em Lajes (RN).

Tudo isso permeia ainda mais o meu desejo em seguir adiante na pesquisa, contribuindo para a compreensão de uma história mais ampla, que engloba não apenas os heróis da historiografia tradicional, mas a história de pessoas e fatos considerados subalternos pela História, num dado período e num dado lugar. Histórias de vida de professoras, suas tensões e as suas práticas de escrita, através do *Jornal das Moças* (1926-1932), situadas no espaço investigado, a cidade de Caicó, na década de 1920, época de transformações políticas e sociais no Rio Grande de Norte.

Capítulo 2

Configurando o espaço

2.1 A cidade de Caicó/RN

A história das mulheres, particularmente das professoras e suas práticas de escrita em Caicó, possibilita situar o tempo e o espaço dessas mulheres, *que associavam seus nomes ao esforço não apenas de educar gerações, mas inclusive de conquistar espaços e cargos sociais, transmitindo para o presente os valores e códigos que configuram a sociedade que se pretende evidenciar* (Morais, 2001, p.09-10).

Evidenciar esse espaço favorece a compreensão dos movimentos dessas mulheres aqui representadas por Georgina Pires, Dolores Diniz e Júlia Medeiros. De acordo com Perrot (1991, p.07), não apenas as mulheres elas próprias são objeto da história, mas também o seu lugar, os seus papéis numa dada sociedade, enfim, as várias representações que se traduzem nas suas tensões e mudanças.

Desse modo, o espaço sócio-cultural desta investigação é a cidade de Caicó, que se situa na microrregião do Seridó Ocidental, inserida na Mesorregião Central, no estado do Rio Grande do Norte. Constitui o maior município da região do Seridó (IBGE, 1997). A região está localizada no semi-árido nordestino, no Sertão do Seridó, área caracterizada pela escassez e instabilidade das

chuvas, altas temperaturas, baixa umidade e uma paisagem marcada pela vegetação de caatinga.

Cidade rústica, plantada entre as pedras quentes do sertão adusto, como assinala o Padre Eymard L'Eraistre Monteiro, na sua obra intitulada *Caicó, subsídios para a história completa do município: Linda cidade do meu sertão (...)* *Ó minha cidade erma do sertão (...)* *admiro a bravura com que você sabe vencer, calada e impassível, os estragos horríveis das secas que nos visitam. Seus filhos jamais desanimam, até mesmo quando encontram no leito áspero de palha, o filhinho que morreu de fome* (1999, p.02).

Região encravada no sertão norte-rio-grandense, vítima das intempéries, como as secas, por exemplo, Monteiro (p. 88) cita como “*terror do sertanejo*”. Ele prossegue dizendo que *as secas destroem as propriedades, esfacelando-as, e estende um crepe de tristeza por sobre os campos ressequidos, áridos, mortos, sem sinal de vegetação nem uma gota de orvalho (...)* *Quem avalia o pavor que elas causam ao sertanejo*.

Esta era a configuração da região do Seridó no início do século XX, principalmente nos anos de 1908 e 1915, anos de muitas dificuldades em virtude do clima árido daquela região.

Uma terra inóspita, castigada pela ação da natureza, mas de um povo bravo e trabalhador, cheio de esperança. Mesmo diante de um quadro natural desfavorável, o sertanejo da região seridense, acima de tudo, era um forte. A sua fé em dias melhores para amenizar o sofrimento da seca, já que ela não dava trégua, seria motivo de felicidade e agradecimento aos céus. A sua última esperança era a chuva.

De acordo com Monteiro, a chuva veio para valer em meados dos anos de 1920. A abundância de água vinda do céu era motivo de festa na Região. Os fazendeiros comemoravam pois, desde então, poderiam alimentar o rebanho, tão sofrido por causa do clima adverso. Era muita água, tanto que os rios chegaram a transbordar, invadindo a zona urbana da cidade. Configurava-se, então, o inverno no Seridó.

Comemoração para uns, tristeza para outros, paradoxalmente,

o inverno desse período não causou somente alegrias. Muita gente foi vítima das águas e teve prejuízo. Animais foram levados com a enxurrada: bichos de estimação, vacas, entre outros, foram junto com as fortes chuvas, até árvores foram dilaceradas nas ruas da cidade. Era a chuva enfim, tão esperada no Seridó:

Em 1924 o inverno foi bom demais. Chuvas torrenciais caíam, ininterruptas, na época, justamente desejadas pelos fazendeiros. Os rios todos transbordavam (...). O rio Seridó extravasou, de muito, as suas margens, e as águas barrentas que deixaram o leito vieram a Caicó, para ver a cidade adormecida (...) Vacas que desapareciam, burros que morriam, cachorros perdidos, porcos afogados, galinhas esticadas e árvores derrubadas, tudo se via nesses meses de chuvas e de contentamento (Monteiro, 1999, p.90).

Os anos de 1920 foram, portanto, atípicos para o sertanejo, acostumado com a terra árida. O Seridó respirava aliviado. A economia da região crescia. No dia 21 de abril de 1925, foi inaugurada a luz elétrica, em lugar dos antigos lampiões manuais a querosene, instalados em 1909. Era prefeito à época o Cel. Joel Damasceno que, com regime de parceria ajustado com o Governo Estadual, conseguiu adquirir o segundo motor. Os postes se multiplicavam pela cidade que crescia.

O único motor que gerava a iluminação da cidade desde 1925 já não era suficiente. Foi através do Sr. Eduardo Gurgel de Araújo que um segundo equipamento ampliou a oferta de iluminação pública. Por fim, no dia 21 de novembro de 1937, após doze anos da chegada da luz elétrica, a cidade pôde inaugurar a segunda etapa da sua iluminação. Era, portanto, a prosperidade chegando a Caicó (Monteiro, 1999, p. 98).

Sobre o desenvolvimento presenciado na cidade, o *Jornal das Moças* (1926-1932) publicou em 1926:

Caicó não é mais a velha cidade sertaneja de outrora, que não tinha nem luz, nem vida noturna, nem

cinema (...). A nossa querida “Urbe” se transformou por completo, de alguns anos para cá. Iluminou-se, criou – por assim dizer – alma nova: fez jus ao título invejável de “Capital do Seridó” (Jornal das Moças, 07/03/1926).

A prosperidade chegava também com o cinema moderno. Segundo Monteiro (1999, p.99), o Cel. Celso Dantas trouxe para Caicó, no dia 27 de dezembro de 1936, o primeiro cinema moderno da cidade, o cinema falado. O primeiro cinema de que se tem notícia em Caicó funcionou na Intendência Municipal, durante a festa de Sant’Ana de 1910. A cidade só veio conhecer uma sala de exibição em meados de 1925. Monteiro (1999, p.99), diz que foi *no dia 25 de julho de 1925 que o sr. Eunico Monteiro inaugurou, num prédio próprio, pertencente a uma sociedade, um cinema de sua propriedade* (Idem).

Sobre as sessões do cinema *Avenida*, da empresa cinematográfica E. Monteiro, o *Jornal das Moças* (1926-1932) divulgava em suas páginas sinopses do filme em cartaz na cidade. O filme era exibido em partes, como se fosse um pequeno seriado cinematográfico:

O cinema *Avenida* apresenta um drama que sensibiliza, pelo enredo tocante e pelo desempenho magistral, tornando, assim, digno de nossa seleta plateia. “Amor de mãe”, cinco maravilhosas partes de uma produção especial da renomada fabrica Nordisk. “Amor de mãe” é um drama onde predomina o sentimento, pelo que tem sido constantemente aplaudida esta película em todos os cinemas onde é exibido (Jornal das Moças, 07/03/1926).

As sessões de cinema eram eventos sociais. No entanto, era na festa em homenagem à padroeira da cidade que toda a sociedade de Caicó celebrava o culto a Santa’Ana. Sobre a festa de Santa’Ana, Trindade (1983, p.33) assinala:

E cada família primava pela boa apresentação de seus membros – todos muito bem trajados: as mães em suas galas de jóia, rendas e leques; as moças com luvas e flores; era um convite à boa educação dos rapazes, de prestigiar sua dama com cuidado de nem amassar a flor da cintura.

Em consonância com o hábito de vestir-se elegantemente nos eventos sociais da cidade, principalmente nas festas religiosas como a festa de Sant' Anna, o *Jornal das Moças* (1926-1932) veiculava na sua página de anúncio produtos para tornar as moças e senhoras de Caicó mais belas. Esses anúncios semanais eram dispostos, quase sempre, na terceira página do jornal. Eram divulgados produtos como tecidos, fazendas, chapéus, lenços, guarda-sol e até serviços dentários de um dentista da capital pernambucana, que abrira em Caicó um consultório.

O Movimento cultural da cidade expressava-se também, com a circulação de outros jornais. José Gurgel de Araújo fala sobre a imprensa caicoense assinalando que diversos jornais circularam na cidade, embora grande parte desses periódicos tivesse vida efêmera. A imprensa chegou à cidade com o jornal *O Povo* (1889-1892):

Ainda estávamos em plena Monarquia quando apareceu o primeiro jornal de Caicó, *O Povo*, de propriedade do inteligente moço José Renaut e sob a direção do Dr. Diógenes Santiago da Nóbrega e Olegário Vale, no dia 09 de março de 1889. Foi o maior dia para a nossa terra, dia que ficou inesquecível para todos nós que amamos as nossas tradições de inteligência, de civismo e de lealdade (*A República*, 01/07/1937).

O jornal *O Povo* (1889-1892) teve vida curta, cerca de três anos, seis meses e 10 dias, encerrando suas atividades no dia 19 de setembro de 1892.

Na virada do século XX, nasceu o semanário *O Seridó* (1900-1901), de propriedade de João Victoriano de Fontes. Era um pequeno jornal, circulou aproximadamente um ano, e segundo Pe. Eymard L'Eraistre Monteiro (1999, p.80-81) a sua assinatura anual custava apenas quatro mil réis.

Em 1907 surge *O Eco Sertanejo* (1907-1908), que viveu cerca de um ano. Pertencia ao mesmo proprietário do jornal *O Povo* (1889-1892). Nesse impresso, segundo artigo de Araújo (1937), um ex-funcionário do jornal, juntamente com o tipógrafo José Victoriano, receberam a miserável gratificação, por 14 horas de trabalho, de quinhentos réis e três tostões, respectivamente.

O *Correio do Seridó* (1909-1915) apareceu a 06 de novembro de 1909, sob a direção do Dr. Augusto Monteiro, então juiz daquela comarca. Entre os principais colaboradores do jornal distinguiu-se Celso Afonso Dantas, Dr. Pedro Odilon, professor Pedro Gurgel, Manuel Etelvino de Medeiros, Dr. Hilarino Amâncio Pereira, encerrando suas atividades no ano de 1915.

Diante dos constantes fracassos dos jornais impressos, segundo Monteiro (1999, p.81), começaram a aparecer os jornais manuscritos. E assim, em 1909 apareceram *A Sentinela*, *O Rebate*, *O Combate* e, mais tarde, *A Infância* (1909) e *A Distração* (1909), sendo esses dois últimos voltados para o público feminino. Como fogo de palha, logo se extinguiram.

O jornal *O Cinema* (1914-1915) foi fundado no dia 15 de fevereiro de 1914. Jornal impresso, literário, humorístico e crítico, dirigido por José Gurgel de Araújo, Luís Alves e Plácidos Aristóteles, alcançou muito sucesso. Segundo Araújo (1937), ele circulou até 25 de fevereiro de 1915, sendo obrigado a suspender a sua publicação por causa da enorme seca daquele ano terrível para o sertão do Rio Grande do Norte.

O *Seridoense*, jornal fundado pelo Dr. Janúncio Gorgonio da Nóbrega e Pedro Militão, no ano de 1909, perdurou até 1915. *O Juvenil*, por sua vez, viveu um ano, fundado em 13 de dezembro de 1917, segundo Araújo (1937). Foi o melhor semanário humorístico e literário que circulou naquele período. Tinha como

tipógrafos os três irmãos Elísio Eloy, Florizel e Djalma Medeiros, enquanto a redação estava sob responsabilidade do pai, Esperidião Medeiros, auxiliado por Plácidos Aristóteles, Dr. Francisco Gurgel, Joaquim Vicente Filho, Floriano Medeiros, José Dias de Medeiros e José Gurgel de Araújo.

No dia 14 de maio de 1916 surgiu *O Binóculo*, jornalzinho crítico, humorístico e noticioso, tão pequeno que seus leitores precisavam realmente de um binóculo, diz Monteiro (1999, p. 81-82). Tinha como redatores H. Contente e F. Alegre, e como colaboradores os moços Ignácio Sobrinho, José Felício, Julião Soares, Plácidos Aristóteles. Circulou até dois de junho de 1936. O jornal *O Seridó* foi o segundo que se publicou que esse nome. Dirigido por José Freire e Agenor Freire, apareceu no dia 24 de julho de 1935 e fechou em setembro do mesmo ano.

A cidade de Caicó tem em sua arquitetura o predomínio de características simples em suas linhas. A parte mais antiga de sua arquitetura situa-se na Avenida Seridó. No conjunto arquitetônico da área central da cidade, se destacam o sobrado do Padre Francisco de Brito Guerra, construído em 1811, o Museu do Seridó, antiga Cadeia Pública da Vila do Príncipe, sede do Senado da Câmara, a Biblioteca Olegário Vale.

Observando a evolução arquitetônica da cidade, segundo a pesquisa da professora Maria das Dores Medeiros intitulada *Seridó Antigo: história e cotidiano* (1997), destacam-se algumas residências no seu acervo arquitetônico, como o casarão da família Nóbrega e o casarão do Morro da Graça, ambos construídos nas primeiras décadas de 1900.

Alguns prédios públicos da cidade merecem destaque pelo estilo. A sede da Prefeitura Municipal de Caicó, datado de 1890, é um deles. Cito também o Mercado Público, cuja construção foi iniciada pelo Cel. Joaquim Martiniano Pereira e concluída pelo Cel. Celso Dantas, em 1918.

Destaca-se também na cidade o conjunto arquitetônico de caráter religioso. Pode-se observar a Catedral de Sant'Ana, em estilo eclético, e o Arco do Triunfo localizado na Praça Monsenhor

Walfredo Gurgel, em frente à Catedral de Santana. O Arco representa uma homenagem à passagem da imagem peregrina da Nossa Senhora de Fátima pela cidade, em 22 de novembro de 1953. A obra, um arco sobre duas colunas, feito em alvenaria, medindo 9 metros de largura por 15 metros de altura, tem em sua parte superior uma imagem de Nossa Senhora de Fátima de três metros e meio de altura. Foi idealizada por Dom José Avelino Dantas, segundo bispo da cidade, e inaugurada em 15 de agosto de 1958 (Morais, 1998, p.50). Outro templo católico que também merece destaque, devido à beleza de seus traços, é a igreja do Rosário, construída em 1864, localizada vizinha ao prédio da Prefeitura Municipal.

Além do seu acervo arquitetônico, as ruas de Caicó na década de 1920 eram arborizadas, com destaque para as fruteiras, dentre as quais as cajazeiras, a que o *Jornal das Moças* (1926-1932) faz referências ao noticiar em suas páginas o apedrejamento das cajazeiras pela garotada:

(...) Causa-nos muita lástima o péssimo costume dos meninos bem dignos da mais severa providência dos senhores pais de família (...) com relação à danificação das cajazeiras da Avenida (...) Deviam bastante zelar as indefesas árvores, bálsamo das nossas horas de abrasador calor, encanto adorável das nossas praças públicas e maravilhoso enleio das nossas ruas sem calçamento (Jornal das Moças, 23/05/1926).

Observo a preocupação de preservar as árvores dos logradouros e praças da cidade com o objetivo de amenizar o calor intenso e o embelezamento da cidade; observo também a preocupação de alertar as autoridades municipais para o descaso das ruas que se encontravam sem pavimentação.

No que se refere aos primórdios da Região, a historiografia local aponta para uma certa divergência entre os processos de origem da região do Seridó e do município de Caicó, o que pode ser

constatado no processo de ocupação e de organização do espaço situado no centro-sul do Rio Grande do Norte.

Iniciadas as primeiras construções, o lugar foi crescendo até ser constituído povoado no ano de 1748. O núcleo de crescimento da região girava em torno da capela. Há um emaranhado de lendas sobre a fundação da primeira capela, com afirma Monteiro (1999, p. 12-17). Mas segundo este autor, o fazendeiro Manuel de Sousa Forte, dono das terras onde está construída a cidade, foi quem mandou construir a capelinha e nela colocou um pequeno vulto de Sant'Ana. Há quem diga que a tão falada capela é hoje a igreja do Rosário, remodelada e aperfeiçoada.

De acordo com Monteiro, é muito difícil saber com certeza a origem da cidade de Caicó, devido ao emaranhado de lendas em que está envolvida a sua história. Lendas que o religioso ouviu dos velhos da cidade como, por exemplo, a que fala de um *fazendeiro de Jardim de Piranhas, procurando um touro que havia, há dias, desaparecido do curral. E nesta mata de mofumbos deu com ele, mas o animal parecendo um demônio marchou, furioso, para derrubar o cavaleiro e o seu cavalo. O vaqueiro correu apavorado, fugindo à perseguição do touro, lembrando-se, porém, na aflição, de prometer uma capela a Sant'Ana, no lugar onde o touro a abandonasse. E olhando para traz viu que o animal seguira outro caminho, desaparecendo* (MONTEIRO, 1999, p.12-13).

Outra lenda que Monteiro assinala diz respeito a um *fazendeiro que vinha das bandas do Acari e que, perdido no intricado mofumbal existente à margem do Rio Seridó, sem acertar com a saída, ajoelhou-se e prometeu a Sant'Ana construir-lhe uma capela naquele lugar, caso conseguisse encontrar novamente o caminho. E assinalou, com uma cruz, o local da promessa. Montou-se. O cavalo, de rédeas soltas, conduziu-o por uma vereda que antes não descobrira, até a estrada que seguia para o Acari. Voltando dias depois, o fazendeiro rico mandou construir a capelinha* (Idem).

Partindo do universo lendário para os registros históricos so-

bre a origem da cidade de Caicó, encontram-se versões que procuram elucidar o mesmo acontecimento.

Para alguns historiadores como, por exemplo, Cláudia Cristina do Lago Borges, no seu estudo intitulado *A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos pretos de Caicó da Capitania do Rio Grande do Norte* (1997, p.22), a cidade surgiu juntamente com a paróquia, quando em 1748 foi criada a *Freguesia de Sant'Ana*, e a partir daí lançadas as bases para a construção da capela em uma região próxima ao Rio Seridó, que *estava, desde 1731, subordinado eclesiasticamente à freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó (Pombal-PB), só desligando-se em 1748 com a criação da freguesia de Sant'Ana. A criação dessa freguesia marca o início da autonomia de Caicó*

A outra versão remete a origem da futura cidade à antiga Casa Forte do Cuó, construída com o objetivo de abrigar as tropas que iriam combater os indígenas revoltos. Segundo Medeiros Filho (1998, p.04):

No ano de 1683, já fora construída uma casa forte, conhecida como casa Forte do Cuó, de Acauã ou do Seridó. Fora a mesma edificada em conseqüência de haver eclodido um levante do gentio tapuia contra a presença dos brancos no sertão da Capitania. A casa Forte do Cuó foi construída no sítio Penedo, nas proximidades do Poço de Santa'Ana, na atual cidade de Caicó. Á época, o Rio Acauã, chamado pelos tapuias de Queiquó, era considerado o principal, sendo o Rio Seridó um mero afluente. Havia também a Serra do Queiquó, depois chamada de Samanaú, hoje São Bernardo.

De acordo com o mesmo autor, em 1695 aconteceu o acordo de paz entre os janduís e o capitão-mor do Rio Grande, Bernardo Vieira de Melo. Em decorrência, foram iniciados os trabalhos de construção da Capela de Senhora Sant'Ana, do Vale de Acauã, nas proximidades do Poço da Casa Forte do Cuó.

Posteriormente, com a conclusão da atual Matriz de Sant'Ana, cujos trabalhos foram iniciados em 1748, a antiga capela do Penedo passou a ser capela de Nossa Senhora do Rosário, vindo a desaparecer entre os anos de 1789 e 1800, por causas não determinadas (Medeiros Filho, 1998, p.04).

A ausência de unanimidade não envolve somente a questão do local de fundação da cidade, mas também com relação aos seus fundadores, prevalecendo duas vertentes: a do Padre Eymard L'Eraistre Monteiro e a do Dr. José Adelino Dantas.

O primeiro considerou o português Manuel de Souza Forte como fundador, pelo fato de ter mandado construir, em 1725, uma capelinha (que Monteiro acredita ser a igreja do Rosário) onde colocou a imagem de Sant'Ana. O segundo, advogou por certo tempo que caberia ao português Manoel Fernandes Jorge o título de fundador de Caicó por ter sido ele o responsável pela edificação da Matriz de Santa'Ana, em 1748. (FJA-CEPEJUL,1982, p.18).

Apesar das divergências históricas e lendárias apresentarem convergência no que se refere à igreja com o motivo de aglutinar populações, Monteiro (1999, p.23) assinala que o lugar foi crescendo até ser constituído povoado no ano de 1748. Posteriormente, o povoado passou à categoria de vila, com o nome de *Vila Nova do Príncipe*, no dia 31 de julho de 1788, em homenagem ao futuro rei D. João VI. Através da Lei provincial de nº 612, a vila passou a se chamar *Cidade do Príncipe*, no dia 15 de dezembro de 1868.

Em seguida recebeu a denominação de Seridó, devido ao decreto de número 12 de 01 de fevereiro de 1890, no governo provisório. Mas tarde, o decreto número 33 de 07 de julho de 1890 estabeleceu que Seridó passaria a chamar-se Caicó, seu nome atual e pelo qual já era conhecida desde a época da fundação, por causa dos índios *caicós*.

O nome Caicó origina-se da língua indígena e, dentre as diversas versões, a mais aceitável é a que defende sua gênese a partir dos termos Acauã e Cuó, que designam acidentes geográficos como rio e serra, respectivamente. O primeiro termo per-

tence ao idioma tupi, e o segundo, à língua dos tapuias tarairiús. Esses indígenas ainda identificavam rio pelo nome de “*quei*”. Dessas constatações, presume-se que *Caicó é uma corruptela de Queiquó, termo tarairiú significando rio do Cuó: o mesmo Acauã, pelo tupi* (Medeiros Filho, 1984, p.144).

O povoamento do município deu-se em função da cotonicultura e criação de gado, entre o final do século XIX e início do século XX. Nesse contexto, a cidade de Caicó vivia basicamente em função das atividades do campo baseadas no binônimo algodão-gado.

A pecuária foi drasticamente afetada pela seca de 1877/1879, perdendo para o algodão a supremacia como atividade econômica. Os fazendeiros passaram a acreditar no algodão como fonte de renda, devido às condições de mercado, principalmente no Exterior.

O algodão típico produzido na região do Seridó é o chamado mocó ou Seridó. Esse tipo de algodão ficou internacionalmente conhecido, pois as condições de mercado externo se mostravam favoráveis à produção brasileira.

A evolução da cotonicultura norte-rio-grandense, até o final do século XIX, esteve, no decorrer de seu processo, articulada aos períodos em que o mercado internacional favorecia a produção brasileira. Contudo, no que se refere mais especificamente ao Seridó, o grande impulso da produção algodoeira inseriu-se no contexto da expansão do cultivo desse produto pelo sertão potiguar, após a grande seca da década de 1870, sendo marcada pela generalização do cultivo do algodão mocó ou seridó (Takeya, 1985, p.32).

A economia norte-rio-grandense, a partir do século XX, passou a ter no algodão o seu principal sustentáculo econômico, o principal produto na fonte de renda estadual. Sobre isso Cascudo (1984, p.388) informa: *O século XX pertenceu ao algodão, ano a ano, em marcha ascensional para a primeira renda orçamentária nos cálculos da receita. O sal ocupou, várias vezes, o segundo posto.*

O quadro promissor da economia da cotonicultura foi o responsável pela consolidação de Caicó e da Região do Seridó, na economia do Rio Grande do Norte. As características climáticas e as condições do solo contribuíram para tornar aquela região uma referência na produção de algodão no estado.

Sobre a importância desse produto para a vida econômica daquele município, Pe. Eymard L'Eraistre Monteiro diz que *a indústria é, indiscutivelmente, o algodão, principalmente o tipo clássico algodão "mocó". Este algodão é conhecido no mundo inteiro e é cultivado com interesse e esmero, em grande escala, pelos agricultores* (Monteiro, 1999, p.28).

Entre as lideranças do Seridó destacavam-se o Deputado Juvenal Lamartine de Faria, jornalista e escritor, e o Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, advogado e professor. Políticos de tradicionais famílias da Região. Esse último, neto do Coronel José Bernardo, que segundo Araújo (1998, p.60), foi o herdeiro político do seu avô.

Como governador do Rio Grande do Norte, ao discursar na sua posse para o período de 1924-1927, época da fundação do *Jornal das Moças* (1926-1932), o novo chefe do Estado, José Augusto, elegeu como prioridades essenciais do seu governo a melhoria dos setores de saúde, a educação, através de uma política de combate ao analfabetismo, como também a produção algodoeira, que foi considerada como "*prioridade por excelência*" (Morais, 1999, p. 58).

Sempre noticiando o cotidiano da cidade de Caicó, o *Jornal das Moças* (1926-1932), registra na edição de 15 de agosto de 1926 a visita do futuro presidente Washington Luiz às dependências do Colégio Santa Teresinha, recebido pela educadora Octávia Medeiros e hóspede do Cel. Celso Dantas.

Na ocasião da visita do presidente eleito Washington Luiz, o *Jornal das Moças* (1926-1932), edição de 07 de agosto de 1926, publicou na primeira página, um dia após a visita do presidente eleito, um artigo intitulado *Programa Eloqüente*.

O citado artigo trata da importância do futuro Chefe da Nação

em Caicó. O mesmo não é assinado. Na mesma edição, há uma página inteira em homenagem ao ilustre visitante, com direito a fotografia com a seguinte legenda: *a S. EX. o Dr. Washington Luiz, presidente eleito da República, por ocasião de sua passagem pela cidade de Caicó.*

A edição de 15 de agosto de 1926 descreve as solenidades da visita do presidente eleito, como a inauguração do Hospital do Seridó, a visita ao Colégio Santa Teresinha, como também o grande banquete que aconteceu na residência do Cel. Celso Dantas.

Sobre o jantar oferecido ao ilustre visitante, a matéria do *Jornal das Moças* (1926-1932) relata:

Às 21: 00h, do dia 06 de agosto, na residência do Coronel Celso Dantas, onde se achava hospedado, tendo ao champagne, discursando o Sr. Governador José Augusto que disse do contentamento que experimentava ao ver em sua terra o estadista emérito a quem dentre em breve seriam confinados os destinos do Brasil (*Jornal das Moças*, 15/08/1926).

Segundo Monteiro (1999, p. 115) o Hospital do Seridó teve duas inaugurações. A primeira, com a presença do presidente Washington Luiz, como relata a reportagem do *Jornal das Moças* (1926-1932). A segunda inauguração foi realizada três anos depois, no dia 22 de agosto de 1929, pelo governador Juvenal Lamartine em companhia do bispo D. Marcolino Dantas. A segunda inauguração não marcou ainda o funcionamento do hospital, o que só aconteceu em 07 de fevereiro de 1934, sendo seu primeiro diretor o Dr. Olavo Medeiros.

A visita do presidente Washington Luiz foi um acontecimento de grande envergadura para a cidade. O *Jornal das Moças* (1926-1932) destaca a importância dessa visita para a cidade:

Ainda sentimos nós caicoenses a impressão agradável da presença do Dr. Washington Luiz em nossa terra. As poucas horas da permanência de S. Excia.

entre nós foram bastante para deixar nítida e impagável na alma caicoense as lembranças do primeiro Presidente da República eleito e reconhecido que pisou o solo Seridoense (*Jornal das Moças*, 15/08/1926).

Contudo, a história da cidade não foi somente escrita pelos homens. As mulheres também ocuparam o cenário local, através das práticas educativas, literárias e jornalísticas na vida cotidiana de Caicó. Escritoras, professoras, poetisas e literatas utilizaram os informativos femininos nos primeiros anos do século XX, como forma de tornar públicas suas idéias e opiniões, fazendo da imprensa extensão das suas atividades pedagógicas.

José Gurgel de Araújo (1937) relata que os primeiros periódicos produzidos pelas mulheres em Caicó datam de 1909. Na sua opinião, os jornais *A Distração* (1909) e *A Infância* (1909), são considerados os primeiros jornais que contaram com a participação feminina no município de Caicó. Essas publicações eram manuscritas em papel almaço, pelas inteligentes senhoras da alta sociedade de Caicó. Cito como exemplo as senhoras Alzira Monteiro, Tudinha Nóbrega, entre outras.

Finalmente, demonstrar a cidade de Caicó nesta pesquisa significa também evidenciar a história das mulheres. Muita dessas mulheres, como as professoras Júlia Medeiros, Dolores Diniz e Georgina Pires, por exemplo, redatora, gerente e editora, respectivamente, do *Jornal das Moças* (1926-1932), quebraram barreiras sociais e tabus, com suas práticas educativas e jornalísticas, no anseio de conquistar seus espaços naquela sociedade.

O citado jornal foi veículo condutor para que as mulheres tivessem vez e voz, visto que os seus espaços eram restritos ao lar e aos afazeres domésticos. Elas burlaram as convenções sociais e usaram de táticas para fazer das práticas de escrita o meio de divulgação de suas idéias e pensamentos.

2.2 Mulheres de Caicó

Na historiografia da região do Seridó a figura feminina é enfocada sempre à sombra de outras representações sociais, como o modo de vida do sertanejo, a economia da região através da pecuária e do algodão e os efeitos das elites naquele território (Félix, 1997, p.09). Nessa perspectiva, cabia à mulher ocupar as posições de coadjuvante naquela sociedade, como as categorias de mãe, esposa e dona-de-casa.

Todavia, um dos políticos de destaque daquela região, Juvenal Lamartine, em sua obra intitulada *Velhos costumes do meu sertão* (1965), sai desse contexto ao fazer uma investigação genérica da condição feminina naquele espaço. O autor configura a mulher seridoense como, por exemplo, o modo de vestir. Sobre a indumentária feminina no sertão ele assinala: (...) em casa se vestiam de chita sem casacos, exibindo camisas muito alvas e enfeites de belas rendas de almofadas. Nas solenidades civis (...) usavam jóias raras (LAMARTINE, 1965, p.29).

A observação de Lamartine retratando o comportamento da mulher seridoense, de acordo com a importância de cada espaço, demonstra a divisão e o valor de cada um desses espaços. Em casa, o privado, elas se vestiam de modo simples, enquanto que no espaço público, valorizado e ocupado pelos homens, exibiam jóias e outros adornos.

Ao entrevistar a sra. Eldy Monteiro, nascida na cidade, ela enfatizou que as mulheres de Caicó eram vaidosas e requintadas. Segundo ela, a moda ditava o seguinte percurso: *Paris-Rio-Caicó*. Ou seja, as senhoras da sociedade estavam sintonizadas com os grandes centros produtores de moda, como Paris, na França e a Capital Federal, a cidade do Rio de Janeiro. Ela relata também que uma das mais famosas e solicitadas costureiras da cidade, a sra. Maria do Vale Monteiro, foi a Recife exclusivamente fazer um curso de corte e costura. A mesma chegou a produzir vestidos de noiva que eram encomendados para outras partes do Brasil.

A vaidade das mulheres de Caicó fez com que o *Jornal das*

Moças (1926-1932) promovesse vários concursos na cidade como, por exemplo, o *Concurso de Beleza e Gentileza*, realizado em julho de 1926. A finalidade era eleger a mais *bela* da sociedade local.

A folha caicoense estava em voga com relação ao culto ao corpo e à beleza da mulher que, de acordo com Carvalho (2002, p.52), veio à tona na década de 1920. *As coisas começam a mudar em termos de comportamento feminino e moda, é para alguns o indício de avanço das mulheres em busca de sua emancipação.*

A imprensa do estado, sintonizada com esse novo comportamento, passa a publicar assuntos relacionados à moda. O jornal *A República*, por exemplo, em sua edição de 13 de outubro de 1926, cita sobre o concurso de beleza promovido por um jornal local:

Reuniu-se ontem pela manhã, na sala de trabalhos do jornal *A República*, a comissão julgadora do Concurso de Beleza promovido pelo jornal do Comércio, sob a presidência do Dr. Manuel Onofre.

Desse modo, pode-se dizer que o *Jornal das Moças* (1926-1932) estava em voga com os acontecimentos do estado, no que se refere às tendências dos concursos de beleza.

De acordo com Carvalho (2002, p.52-53), somente três anos depois, em março de 1929, o jornal *A República* promove em Natal o concurso para eleger a primeira *Miss Rio Grande do Norte*. *A etapa inicial contava com a participação de milhares de votos enviados pelo público, e na última fase por um júri selecionado. Este concurso mobilizou toda a sociedade natalense, gerou enorme polêmica sobre a questão da beleza física feminina (...).*

O periódico de Caicó também realizou o *Concurso de Gentileza*, voltado para os cavalheiros. Os leitores da folha puderam assim escolher através do voto a mulher mais *bela* e o homem mais *gentil* da cidade. Ao conversar com o pesquisador e historiador Luciano Nóbrega, ele assinalou que havia em Caicó concursos desse gênero, como a escolha da *mais graciosa, a mais*

bela. Esses concursos eram oportunos para reunir a *nata* da sociedade caicoense, representada pelas professoras Júlia Medeiros, Georgina Pires, Santinha Araújo, entre outras, diz Nóbrega. Ele assinala também que a votação era feita com cupons publicados nas páginas dos jornais e geralmente depositados em uma única urna, num local determinado.

Esses concursos comprovam o prestígio que o *Jornal das Moças* (1926-1932) tinha na cidade. Foram ao todo, segundo a edição de 31 de julho de 1926, cerca de 2. 576 votos, sendo 1. 873 para as mulheres e 703 para os homens. Esses dados demonstram que os homens da época participaram, mas ainda timidamente. Na edição de 31 de julho de 1926 está na primeira página do jornal o resultado dos vencedores do *Concurso de Beleza e Gentileza*. Na categoria destinada à beleza feminina a vencedora foi a senhorita Thereza Dantas, com 503 votos, seguida da senhorita Silvina Araújo, com votação aproximadamente de 453 votos.

Já no concurso de *gentileza*, destinado aos homens da cidade, o vencedor foi Eloy Cesino Medeiros, irmão de Júlia Medeiros, com cerca de 273 votos, e o segundo colocado, com 123 votos, João Azevedo.

Tentei buscar mais detalhes sobre o concurso e como foi a sua repercussão na cidade, mas os únicos dados do evento a que tive acesso foram os do exemplar do *Jornal das Moças* (1926-1932).

Contudo, pode-se dizer que o periódico caicoense conseguiu aglutinar leitores de ambos os sexos. Apesar de ser um jornal produzido quase completamente pelas mulheres, ele detinha prestígio também junto ao sexo masculino, pois ele continha notícias e reportagens de interesse geral.

Os espaços públicos permitidos às mulheres eram a igreja, através das cerimônias religiosas, casamentos, batizados e os eventos sociais, como os bailes e a programação social da festa de Sant' Ana, padroeira da cidade de Caicó.

Segundo Ezequiel Félix (1997, p.09), no *sertão os papéis masculinos e femininos eram definidos a partir dos espaços domésticos. As mulheres tinham quartos especiais, sem janelas,*

para impedir-lhes uma ocasional fuga. Numa sala específica, realizavam trabalhos domésticos, que era o cômodo mais movimentado.

Quando solteira, a mulher permanecia a maior parte do tempo nos compartimentos mais movimentados da casa, sempre às vistas do seu tutor, o pai ou o irmão mais velho. Esses eram responsáveis pela escolha do futuro marido. Tal era a dominação que em algumas casas do Seridó os aposentos das mulheres solteiras eram desprovidos de janelas.

Nesse contexto, Lamartine (1965, p.23-24) cita que o cômodo mais movimentado das residências sertanejas era chamado de *sala de mulheres*, local onde a família permanecia reunida em trabalhos domésticos, sendo assim o compartimento mais movimentado dos lares do sertão. *Ali, em muitas, havia um oratório onde à noite, todos os dias, era tirado o terço, com a participação de toda a família do fazendeiro e seus dependentes. Junto a esta sala ficava o quarto do casal e ao lado deste, o das moças, tapando de janela para fora* (p.24). A mulher ficaria impossibilitada de uma eventual fuga caso não concordasse com a escolha do seu futuro cônjuge.

As mulheres, na maioria das vezes, eram tolhidas de opiniões e vontades, sendo o seu pai, ou o irmão mais velho, o centro das decisões. Sobre essa questão, Félix (1997, p. 10) assinala:

Solteiras eram totalmente subordinadas ao pai, que muitas vezes escolhia o noivo, sem que esta sequer nem o conhecesse. Na ausência paterna quem cumpria esta função era o irmão mais velho. Por isso, estavam sempre nos cômodos mais movimentados do lar, sob o olhar de todos. No seu quarto não havia janelas para evitar uma possível fuga, caso não concordasse com o pretendente a marido, escolhido pelo pai ou pelo irmão.

Ao casar-se, geralmente antes dos quinze anos de idade, sua tutela era transferida para o marido. Entretanto, depois de contrair

núpcias, geralmente o casal passava um período na casa dos pais, até o nascimento do primogênito.

Nos idos da década de 1920, época delimitada da investigação, era comum família com numerosa quantidade de filhos, pois uma das funções sociais da mulher, naquele período, era ser geradora de uma prole significativa. A professora Georgina Pires, fundadora do *Jornal das Moças* (1926-1932), casou-se com o Sr. Janúncio Bezerra da Nóbrega¹, historiador, escritor e técnico agrícola, e constituiu uma família de onze filhos, dos quais oito se criaram: Ruth Pires, Fernando Antonio, Luiz Carlos, Dorian Pires, Júlio Bezerra, Georgete Pires, Salete Pires e Alcione Pires, deixando, portanto, a vida pública no jornal para dedicar-se aos filhos, que foram se sucedendo ano após ano.

Outra característica com relação à maternidade está vinculada à figura do papel de pai e marido, no sentido de valorização social:

A mãe solteira, sem a figura paterna e, principalmente, do esposo, acarretaria desvantagens sociais, principalmente se fosse de classe inferior, o destino era o prostíbulo; de classes mais elevadas passavam a ser discriminadas na sociedade e na família, constituindo-se ponto de desonra (FÉLIX, 1997, p.11).

Observo, no fragmento citado, que mesmo havendo diferenças de classes sociais, a mulher ocupou sempre uma posição de desvantagem, sendo marginalizada se infringisse as normas sociais, como ser mãe solteira, por exemplo. Félix usa as denominações de *classe inferior* e *classe elevada* para diferenciar as mulheres

¹Historiador, escritor e técnico agrícola, filho de família tardicional do Seridó, sendo seu pai o Sr. Francisco Janúncio da Nóbrega e a sua mãe Julia Bezerra da Nóbrega. Nasceu no município de Acari. Dirigiu o escritório regional do fomento agrícola, programa do governo Federal. Escreveu os livros: *Saudades do Seridó* (1978), *Revivendo o Seridó* (1981) e *Denodados seridoenses* (1983).

menos afortunadas das mais favorecidas economicamente. Ficando ainda para as mulheres mais pobres a única alternativa, a sarjeta das casas de prostituição.

Passar publicamente só era permitido se fossem acompanhadas. Deviam apresentar uma imagem de recato, como falar em voz baixa, ser meiga, terna, ter gestos suaves, evitar gargalhadas e vestir-se discretamente. Sobre isso, Coutinho (1994, p.85) assinala:

O mundo da rua (dos passeios, teatros e bailes), por exemplo, aberto incondicionalmente aos homens, só era permitido à mulher em ocasiões especiais e, mesmo assim, ela deveria estar sempre acompanhada de um homem – o pai, o marido, o irmão, o padrinho. Sem eles o espaço público era vedado à mulher, pelo menos àquelas que seguiam os padrões morais aceites pela sociedade da época, as senhoras e senhoritas.

Esse comportamento permanecia em voga nas primeiras décadas do século XX. O espaço público, que as mulheres frequentavam em ocasiões especiais, era permitido através da presença de seu tutor ou responsável.

Ainda de acordo com Coutinho (p.29), a mulher deveria viver para o amor, para a vida no lar: *amor aos seus filhos, a seu esposo, a sua casa. Para tanto, ela deveria se manter pura, distantes dos problemas e das tentações do mundo exterior - o mundo do trabalho -, que deveria ficar sob o encargo do homem. A mulher deveria se resguardar no próprio lar, ficando longe de qualquer problema que viesse atingir seu espaço, em prol da família. Afirma também que elas eram consideradas frágeis, emotivas, dependentes, instintivamente maternais e sexualmente passivas, instalando-se o “lugar feminino” de esposa e mãe centrado no espaço doméstico* (p. 30-31).

Esta era a configuração da mulher na região do Seridó, e em especial, em Caicó. Uma região com características mais rurais que urbana. Sobre configuração, recorro a Nobert Elias (1970,

p.141-142), que afirma que a configuração de uma dada sociedade num dado período histórico é representada através das tensões e elos mutáveis, de interdependência próprios de uma sociedade.

Através da configuração é possível evidenciar os mecanismos que enunciam e representam os papéis da mulher na sociedade; ou seja, os elos mutáveis de interdependência característicos do período ora analisado. Em Caicó da década de 1920, período em que circulou o *Jornal das Moças* (1926-1932), configura-se como espaço feminino o privado, ou seja, o lar, as prendas domésticas. Aos homens, o espaço público.

Com relação aos territórios da segregação sexual estabelecida pelas convenções sociais, Michele Perrot (1992, p.178) assinala: No século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual (público e privado). Cada sexo tem a sua função, seus papéis, sua tarefa, seus espaços, seu lugar quase predeterminado.

Os papéis femininos limitavam-se ao lar. Muito embora a mulher frequentasse o espaço público, no caso a igreja, havia limitações e normas. Segundo Félix (1997, p.11), o único *espaço público permitido às mulheres era a igreja. Ainda assim, havia segregação*. Na igreja, as mulheres sentavam do lado esquerdo, não podendo ter nenhuma atuação no que se referisse a ler, a distribuir comunhão, a auxiliar o padre nos rituais. Sua função era de zeladora, cantora, catequista, cuidando ainda dos objetos de cultos e paramentos.

Félix (p.11) registra que, *também na escola, as meninas eram separadas dos meninos. A delimitação dos espaços públicos era a extensão dos espaços domésticos. Homens para um lado, mulheres para outro*. Simbolicamente esta divisão representa a definição de papéis em sociedade. Às meninas não era vedada a educação formal. Entretanto, sua formação intelectual e a educação integral não eram estimuladas. Temia-se que pelos conhecimentos fossem rompidos os espaços estabelecidos, contestados os papéis. Sobre essa questão Lagrave (1991, p.506) assinala: “No mundo da educação e do trabalho, a lei da alternância não tem

peso: as posições dominantes são sempre ocupadas por homens, e as posições desvalorizadas por mulheres”.

A autora ainda relata que na Europa as ambições intelectuais das mulheres limitavam-se ao certificado de estudos primários ou diplomas de fim de estudo secundário, sempre a reboque da qualificação masculina. Conseqüentemente, elas ocupavam campos de trabalhos desfavoráveis no mercado de trabalho (Lagrove, 1991, p.506).

No Brasil, a configuração social no início do século XX não era diferente. Sobre isso Soihet (2000, p.97-98) assinala:

A educação comum entre os dois sexos era proibida, não só por causa da rígida moral católica, mas também devido à certeza da ciência hegemônica na época acerca das diferentes aptidões entre homens e mulheres. Daí a diversidade de currículos a eles destinados. Enquanto os homens cursavam o ensino secundário, que visava o acesso aos cursos superiores, as mulheres em sua maioria estudavam nas escolas normais, destinadas à profissionalização ou preparo para o lar.

Quase sempre a mulher esteve em condição de desvantagem. Até mesmo no espaço a ela destinado vivia sob uma dominação invisível, articulada pelo pai ou pelo marido. Uma forma de violência, mas de modo sutil e intrinsecamente exercida pelos homens. Essa violência, que Pierre Bourdieu classifica de *violência simbólica*, está relacionada com a *Dominação masculina*

resultante da violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 1999, p.07).

Contudo, mesmo sob o domínio masculino, algumas mulheres venceram barreiras e se confrontavam com as convenções sociais estabelecidas não aceitando, portanto, as normas impostas pela sociedade da época.

Nesta pesquisa, enfatizo a participação de três mulheres como Júlia Medeiros, Dolores Diniz e Georgina Pires, que fizeram história em Caicó, através de sua participação no *Jornal das Moças* (1926-1932). São perfis de mulheres que, na medida do possível, tento configurar neste texto, mulheres que quebraram tabus e conseguiram se fazer ouvir na comunidade que estavam inseridas.

2.3 Júlia Augusta de Medeiros: mulher à frente de seu tempo

A professora Júlia Augusta de Medeiros entrou para o quadro redacional do *Jornal das Moças* (1926-1932) em julho de 1926. Mulher considerada à frente de sua época pelos seus conterrâneos, Júlia Medeiros se diferenciava da maioria das mulheres em virtude do seu comportamento inovador e polêmico para os padrões da cidade de Caicó da década de 1920.

Neste contexto Júlia Medeiros e suas irmãs já se diferenciavam das meninas do seu tempo. Tiveram oportunidade de conhecer as primeiras letras numa época em que o estudo era privilégio dos homens. Graças à visão pedagógica do seu pai, Antonio Cesino, que não fazia distinção de sexo ante o saber, Júlia Medeiros teve acesso aos estudos. Félix (1997, p.21), em sua pesquisa sobre essa professora, observa que o sr. *Juvenal Chagas Teixeira Campo Verde, mesmo sendo professor no Seridó, não escolarizou as filhas. Todas eram analfabetas, ao passo que os filhos do sexo masculino receberam a educação escolar oferecida na época.*

Júlia Medeiros, entretanto, seguiu outro caminho. Filha do segundo casamento com a Sra. Ana Amélia de Medeiros, nasceu em sua residência, a Fazenda Umari, em 28 de agosto de 1896. Júlia Medeiros era a segunda filha mais velha, num total de sete

irmãos: seis mulheres e apenas um homem. De todas as filhas do casal foi a única a ficar solteira, por opção (Félix, 1997, p.19).

A escola funcionava em uma das salas de sua residência, a Fazenda Umari. Júlia Medeiros teve, então, graças à condição financeira do seu pai, o privilégio de estudar, tendo como seu *mestre-escola* o Sr. Misael Barros.

Foi para a capital potiguar em busca de ampliar seus conhecimentos. Segundo a senhora Euza Monteiro, em seu depoimento, em maio de 2002, Júlia Medeiros e as suas colegas Maria Leonor Cavalcante e Olívia Pereira foram levadas *nas costas de burro* pelo coletor estadual, o Sr. Eulâmpio Monteiro. Segundo ela, a viagem até Natal durou cerca de oito dias.

Na capital norte-rio-grandense, Júlia Medeiros assumiu as suas próprias despesas graças à herança de sua genitora. Frequentou, inicialmente, o Colégio Nossa Senhora da Conceição, onde posteriormente decidiu ser professora. Ingressou na Escola Normal de Natal, onde concluiu seus estudos em 1925, sendo diplomada no dia 30 de janeiro de 1926. Sobre sua formatura, o *Jornal das Moças* (1926-1932) prestou-lhe uma homenagem:

Conheço bem de perto a distinta perfilada que, hoje, não escapa à curiosidade de meu lápis. É uma das ilustres filhas desta boa terra, que à vista de seus esforços acaba de conquistar um título com o que muito há de lucrar o magistério do nosso estado. Possuidora de um excelente coração, traz sempre um sorriso nos lábios, deixando-nos a impressão de que “a vida é um lago azul”. Ela é bastante decidida em suas resoluções, gosta muito de trocar idéias e os seus verdes olhos nos dizem que tem o espírito dado a fantasias. Não sei se as setas do traiçoeiro cupido vêm ferindo o seu coração (*Jornal das Moças*, 11/04/1926).

Após receber o diploma de professora em Natal, Júlia Medeiros retorna a Caicó e passa a fazer parte do corpo redacional do

Jornal das Moças (1926-1932). O jornal registra, na edição de 28 de julho de 1926, a presença da professora:

Temos hoje o prazer de contar com mais uma distinta e inteligente companheira, a nossa brilhante colaboradora professora Júlia Medeiros que entra para o corpo redacional. Aos nossos bons leitores e às nossas gentis leitoras, levamos os nossos parabéns pelo belo ornamento que vem realçar o nosso modesto jornalzinho.

Contudo, a professora Júlia Medeiros já colaborava para o *jornalzinho* antes de se tornar uma de suas redatoras. Um dos seus escritos na folha é datado de 28 de fevereiro de 1926. O artigo de Júlia Medeiros intitulado *crônica*, publicado na primeira página, versa sobre a importância da criação do *Jornal das Moças* (1926-1932):

Não poderei me furtar ao dever de levar as minhas sinceras felicitações às ilustres filhas de nossa terra (...). Acabam de dar uma prova de que não são indiferentes às lides do jornalismo indígena. Distanciada como estive de nosso meio, era sempre com precisão que acompanhava o evolucionar do progresso de minha terra (...) Não me surpreendeu o gesto de minhas dignas conterrâneas, lançando um jornal à apreciação do nosso público, no momento atual, em que o problema do feminismo vem preocupando as camadas sociais. O “Jornal das Moças” será, portanto, o portavoz de uma plêiade de jovens que, tratando de desenvolver o seu espírito tão rico de inteligência, ocupe-se de modo particular pelo progresso e desenvolvimento de nossa terra (Jornal das Moças, 28/02/1926).

A professora Júlia Medeiros não poderia deixar de opinar sobre a criação de um *jornalzinho*, que tinha como objetivo ser

porta-voz das moças de sua terra. Mulher sempre atuante nas causas femininas e partícipe das lutas pelas conquistas dos direitos das mulheres. O seu idealismo e a sua paixão sempre foram marcas constantes em sua trajetória de vida, como também a sua beleza e exuberância.

Ao entrevistar o senhor Manoel Alves de Melo, em outubro de 2001, então com 77 anos, natural de Caicó, contou-me que Júlia Medeiros era muito elegante e, apesar do seu comportamento ousado, era bastante querida na sociedade daquele município.

A elegância e ousadia da professora podem ser comprovadas na maneira de *ostentar luxo, vestindo-se de forma impecável, dentro dos padrões da alta costura. Foi, possivelmente, a primeira mulher em Caicó a usar a cor preta sem simbolizar sentimentos de pesar pela morte de um parente* (Félix, 1997, p.32). Segundo o Padre Antenor, Júlia Medeiros foi também a primeira mulher a usar *costa-nua* em Caicó. Sua elegância era tão exacerbada que fora convidada para ser manequim de *prova da alta costura* do atelier da senhora Maria do Vale Monteiro, devido às suas linhas e traços de elegância e beleza. Era comum às moças da sociedade solicitarem à referida costureira, que a primeira prova dos seus vestidos fosse feitas por Júlia Medeiros.

O comportamento peculiar dessa professora foge à regra da configuração social da cidade, gerando, em decorrência disso, polêmica e reprovação no contexto dos padrões sociais estabelecidos para as mulheres nos anos de 1920.

Querida por uns e não agradável para outros, a professora Júlia Medeiros também foi chamada de “*louca*”. Diferenciava-se das demais mulheres pela sua ousadia e irreverência. Como por exemplo, dirigir um automóvel e ir de Natal a Caicó.

Segundo Monteiro (1999, p. 102) o automóvel chegou a Caicó no dia 27 de março de 1919, às 7 horas da noite. *Seu proprietário era Manuel Coriolano de Medeiros. Foi um acontecimento que parou a cidade. Não ficou ninguém dentro de casa porque todo mundo queria ver os dois olhos acesos do pé-duro. Os meninos se espantaram, temendo tratar-se da “besta-fera”.* Ele diz que *onde*

o carro parava, era uma loucura, ele ficava rodeado de gente curiosa que logo se dispersava, num susto, quando o motorista acionava a buzina. Houve gente que nem quis mais jantar, pois enfim, havia visto de perto um automóvel.

O carro que tanto espanto causou era um Ford, veículo da mesma marca que foi dirigido por Júlia Medeiros. A professora é vista por muitos moradores da cidade como a primeira mulher a guiar um carro no Seridó, considerada uma atitude ousada para uma mulher. Esse fato rendeu-lhe versos cantados nas calçadas da cidade: *Júlia Medeiros, no seu carro Ford, virou a princesa do caritó* (Félix, 1997, p.32).

Diz a tradição, de geração para geração, que se uma moça com cerca de 25 anos de idade, que permanecesse solteira era motivo de preocupação na família. Ela estava entrando na fase denominada “*O último tiro da macaca*”. Seria, portanto, a última esperança de se casar, caso contrário, se tornaria moça no “*caritó*”.

De acordo com Cascudo (1977, p.142-143), na sua obra *Locuções Tradicionais do Brasil*, a expressão “*Morte da macaca*”, nos veio dos Galibis das Guianas e é pouco usado no Brasil letrado. Ele explica:

Morte da macaca significa desgraçada. Pela terminação feminina, o português julgou-o feminino, concordante com o gênero de morte (...), seria, inicialmente, morte de macaca, sucumbir com ela, caçada a tiro de pedra, flecha e bala. Macaca passou a ser infelicidade (...). Dar tiro na macaca significa ficar sem casar, perder as esperanças.

Segundo depoimento oral de moradores e populares da região, a referida expressão é caracterizada em três fases: O “*primeiro tiro da macaca*” seria por volta dos dezoito anos de idade. O “*segundo tiro da macaca*”, por sua vez, era aos 21 anos de idade aproximadamente, e por fim, aos 25 anos, a última esperança.

Era a cobrança do comportamento das moças da época, pois toda mulher deveria se casar, caso contrário, ficaria no “*caritó*”.

Este termo faz referência a um móvel, uma prateleira bastante usual chamada de “*caritó*”, que era localizado no canto do quarto ou sala das residências sertanejas (Rosut, 1994, p.180).

Dessa maneira, a mulher sem marido, sem o cônjuge, estaria destinada a ficar esquecida, no canto, tal qual o móvel dos sertanejos, sendo, portanto, comparada ao *caritó*. Ainda sobre esse fato, o escritor Janúncio Bezerra da Nóbrega, filho de família tradicional do Seridó, escreveu em seu livro *Saudades do Seridó* (1978, p.71) alguns provérbios, máximas e sentenças do sertão. Ele assinala: “*Moça velha é caritó*”.

Entretanto, a professora Júlia Medeiros não acreditava que o casamento seria sua realização pessoal, como era comum às moças no sertão daquele tempo. Parafrazeando Félix (1997, p.32), *Júlia chegou a ser pedida em casamento pelo farmacêutico José Gurgel de Araújo, mas recusou o convite*. Sua opção de ser solteira desafiava as normas, pois na maioria das vezes restava às solteiras cuidar dos sobrinhos, “*ficar pra titia*”.

Ao ser indagada pelo *Jornal das Moças* (1926-1932) sobre o que ela achava dos homens, ela esclarece no jornal:

Achei deveras interessante a curiosidade do “Jornal das Moças”, procurando saber o juízo que faço dos homens. Sinto não poder levar uma resposta mais circunstanciada, em todo caso posso afirmar que faço a favor do homem o melhor conceito. Acho que seja ele o amigo devoto da mulher, se bem que não haja regra sem exceção (Jornal das Moças, 07/03/1926).

Além de prendada, Júlia Medeiros circulava livremente pelas rodas sociais, era uma mulher de idéias e comportamento avançados para a época, reforçando a sua imagem de “*louca*”, para a comunidade.

Loucura? Não, apenas tentativas de Júlia Medeiros em burlar regras, quebrar barreiras sociais e tentar mudar a configuração da sociedade daquele dado período.

No mesmo ano em que Júlia Medeiros entra para o corpo re-dacional do *Jornal das Moças* (1926-1932), ela também começa a lecionar no Grupo Escolar Senador Guerra. É nessa escola, no dia 30 de junho de 1926, que ela assina, junto com a professora Maria Leonor Cavalcante, perante o diretor Joaquim Coutinho, um termo de compromisso de professora interina da Cadeira Infantil-Misto Suplementar. Começou a lecionar no dia primeiro de julho do mesmo ano (Monteiro, 1999, p.131).

Uma das suas práticas pedagógicas no citado Grupo era o uso de castigos físicos. Sabe-se que a educadora não era simpatizante da palmatória², mas fazia uso da *vara de marmeleiro*, como afirmou um dos seus ex-alunos no depoimento da pesquisa de Félix (1997).

De acordo com Félix (1997, p.25), *o curso infantil-misto constava de um programa específico, seguindo ainda os critérios da Reforma Pinto de Abreu. Este educador, no início do século XX, deu uma nova orientação pedagógica ao ensino, abolindo os castigos físicos nas escolas e adotando uma nova metodologia que visava ao desenvolvimento integral do aluno. Seria o método da escola nova em substituição à pedagogia tradicional.*

O programa do Infantil-Misto constava de canto, Leitura e Escrita, Língua Materna, Aritmética, Geografia, História Pátria, Moral e Civismo, Desenho Natural, Trabalhos Manuais, Exercícios Físicos.

A professora Júlia Medeiros exerceu toda a sua trajetória no magistério à frente da cadeira Infantil-Misto. Segundo Félix (1997, p.25), é quase unânime a opinião dos seus ex-alunos e contemporâneos sobre o grau de inteligência e dedicação ao ensino.

²Roda de pau apu, ou sola, ou pele de cação, unida a um cabo, com que nas escolas dão golpes sobre a palma da mão aberta por castigo. Sua origem é remotíssima, dizendo-se conhecida em Roma, ao lado do açoite, como “excitador” da memória infantil. No fim dos cursos havia a festa da Palmatória, aparecendo esta enfeitada com flores de papel e fitas, em lugar dela na mesa do mestre. Em certos colégios, até meados de 1830, os alunos que terminavam os estudos ginasiais ofereciam uma palmatória de papelão, enorme, ornamentada, ao grupo que ficava (Lamartine, 1965, p. 41).

Essa afirmativa pode ser comprovada no estudo realizado por Félix (1997) que, através de depoimentos, trouxe à tona as práticas da citada professora na sala de aula. Ao coletar essas informações, a pesquisadora percebe divergências quanto à atuação da educadora, como ela mesma afirma em sua pesquisa.

Essas entrevistas em forma de fragmentos foram publicadas na pesquisa sem identificação do interlocutor. São trechos que no seu conjunto reconstituem momentos das práticas da referida professora.

Cito alguns desses fragmentos dos depoimentos de ex-alunos para a pesquisa de Félix (1997, p.27-28):

(...) Era ótima professora, mas triste do aluno que não lhe caísse nas graças (...).

Eu me dava muito bem com ela. Agora quando o aluno não agrada é raro a professora também ser muito boa... Só amamos quem nos preza. Na época tinha um menino trabalhoso e ela batia nele, não usava palmatória, mas tinha um pauzinho de que não se desfazia. De modo que quando Válber dava muito trabalho, ela o maltratava (o menino era nervoso e morreu no Hospital Colônia), em consequência do nervoso dele e o dela, pois na época ela já era nervosa, mas inteligente, muito inteligente (...).

Professora muito inteligente, mas meio assim desligada, passava a tarefa, depois ia retocar a maquiagem.

Não era adepta de castigos físicos. Era uma pessoa maneirada, não era agressiva, tinha uma personalidade forte e firme. Como professora observava a programação oficial de ensino.

Nos trechos citados, aparece o método pedagógico da professora com os princípios da *Pedagogia tradicional*³, entre outros o da *sensação e a percepção*, onde a emotividade seria forte e a impulsividade e os caprichos da criança deveriam ser contidos (Ghiraldelli, 1992, p. 21).

De acordo com Félix (1997, p.24-25), a professora Júlia Medeiros *era uma mulher culta, representava os colegas em todas as festividades da escola*. Em um dos livros de registro de festas do Grupo Escolar Senador Guerra, livro de número 04, consta que no dia 05 de setembro de 1947, durante as comemorações da Semana da Pátria, Júlia Medeiros, *usando palavras vibrantes de patriotismo falou sobre a data, lembrando os feitos dos nossos antepassados e o dever que se tem de salvar a pureza de nossa tradição*.

Considerada excelente oradora, devido a sua formação intelectual, era presença constante nas solenidades importantes da cidade de Caicó. Nas visitas de personalidades do estado e do Brasil, lá estava ela. Foi assim numa das visitas da feminista Bertha Lutz ao Rio Grande do Norte.

Segundo Félix (1997, p. 30), *Lutz foi recebida por Júlia na cidade de Caicó. A partir daí, nasceu uma admiração e amizade mútuas, com freqüente troca de correspondência*.

Ao entrevistar o sr. José Brito de Oliveira, natural de Caicó, de 65 anos, em 2001, tomo conhecimento de que ele foi testemunha das práticas de Júlia Medeiros como oradora. Ele lembra: *ainda menino de calça curta, assisti a uma solenidade de dona Júlia, em cima do muro de uma das residências. Ela era excelente oradora, mulher autêntica e de atitudes polêmicas*.

O Presidente Getúlio Vargas, na ocasião de sua visita a Caicó, foi recepcionado pela professora Júlia Medeiros, como assinala Félix (1997, p.25) no seu estudo: Sempre que alguma persona-

³Movimento pedagógico do filósofo Johann Friedrich Herbart, que tinha como princípio “psicologizar a educação”. Teve grande impacto nos Estados Unidos, na transição do século XIX para o século XX.

lidade política estadual ou nacional visitava a cidade, era por ela (Júlia Medeiros) saudada, como foi Getúlio Vargas, entre outros.

Figura sempre presente na recepção de autoridades e pessoas ilustres em Caicó, como Bertha Lutz, por exemplo, Júlia Medeiros sempre estava à frente desses eventos por ser considerada uma mulher elegante e excelente oradora.

Como toda moça de família tradicional, era prendada, conhecedora das regras do bem servir. Excelente cozinheira e ótima educadora, arrumava uma casa como ninguém. Exercia todas as tarefas sempre que necessário (Félix, 1997, p.34).

Na ocasião da visita do presidente Washington Luiz, em 06 de agosto de 1926, Júlia Medeiros foi partícipe, juntamente com outras senhoritas da cidade, da organização do banquete oferecido ao presidente, servindo-o à mesa.

De acordo com Aduato Guerra Filho (2001, p. 131), *serviram à mesa as graciosas senhorinhas Ignez Dantas, Belkiss Monteiro, Lectice Pegado, Paulina Medeiros, Ilka Brito, Chicuta Nolasco e Júlia Medeiros. Ao champagne, o Sr. governador José Augusto saudou Washington Luiz.*

Devido a esses fatos, Júlia Medeiros era possivelmente a redatora do *Jornal das Moças* (1926-1932) mais apta a escrever a matéria sobre a visita do presidente, que o jornal publicou, pois foi testemunha ocular da passagem de Washington Luiz por Caicó.

Além de professora, Júlia Medeiros era também responsável pela produção de pequenos dramas teatrais na cidade. Sobre seus escritos, colaborou para a revista *Pedagogium*, órgão oficial da Associação de Professores do Rio Grande do Norte. O jornal *A República*, edição de 13 de março de 1926, publicou uma nota referindo-se ao nº 21 da citada revista. Segundo o jornal, a professora Júlia Medeiros escreveu, em 1925, um artigo intitulado *A missão da mulher*, em que ela questiona o papel da mulher na sociedade:

A missão da mulher poderá se estender além do lar, cujo programa será sempre a dedicação, não procurando vencer senão pela virtude, visando que a nossa

força e o nosso prestígio representam a modéstia e as delicadezas inerentes ao próprio sexo (Revista Pedagogium, nº 21, out/set de 1925).

Apesar de sua colaboração na revista educativa, foi no *Jornal das Moças* (1926-1932) que a professora Júlia Medeiros exerceu a função de colaboradora e redatora. Este fato pode ser comprovado nas primeiras páginas do periódico, onde o seu nome é destaque, abaixo do logotipo do jornal, juntamente com as demais redadoras. Manoel Rodrigues de Melo (1987, p.28) faz referência à professora Júlia Medeiros como colaboradora do *Jornal das Moças* (1926-1932).

No entanto, consulte para esta pesquisa diversos exemplares do citado jornal e não foi possível catalogar os seus escritos, pois quase sempre a professora não assinava as reportagens ou, possivelmente, fazia uso de pseudônimos, dentre os quais cito alguns estampados nas páginas do *Jornal das Moças* (1926-1932), que podem ter sido utilizados por Júlia Medeiros: *XPTO*, *Ivette*, *Potyguara*, *Ivandith*, *Sivolo*, *Carmelli*, etc.

Esta prática de usar pseudônimo era bastante comum na imprensa, desde o século XIX. Era um subterfúgio para se resguardar, em uma determinada situação, tanto o homem, como a mulher.

A professora Júlia Medeiros possuía um vasto círculo de amizades, principalmente do sexo masculino, comumente personalidades do estado ou municípios da região. Entre eles cito, dr. Juvenal Lamartine, prof. Amphilóquio Câmara, dr. José Augusto Bezerra de Medeiros.

Apaixonada pela leitura, a professora era leitora da revista *Cruzeiro, dos clássicos, dos poetas líricos e certamente de toda a literatura produzida por seus amigos contemporâneos* (Félix, 1997, p.31).

Júlia Medeiros era figura presente nos eventos sociais na cidade. Na festa de Santa'Ana, uma das mais tradicionais do Seridó, ela se fazia presente não apenas nos eventos sociais, mas também nas novenas e missas em homenagem à Santa.

Por todas estas páginas dedicadas a apresentar Júlia Augusta de Medeiros, fica patente que era uma mulher à frente do seu tempo. Trabalhava, conquistava espaços. Em 1951, então com 55 anos, afasta-se de suas atividades frente à educação em Caicó e envereda no campo político. Exerceu dois mandatos consecutivos 1951-1954 e 1954-1958, representando o município como vereadora.

Após encerrar o mandato como vereadora, Júlia Medeiros se encontrava perturbada mentalmente. Segundo seus familiares, ela se trancava em sua casa e ficava vários dias sem comunicação. Segundo Aduato Guerra, a debilidade de Júlia Medeiros pode estar associada a sua trajetória de mulher sempre atuante naquela sociedade: *Júlia Medeiros trabalhava mais do que a força humana.*

Para a senhora Maria Melo Mariz, residente em Caicó, talvez o *ostracismo*, depois de uma vida inteira pautada de participação e atuação na vida social e política de Caicó, tenha contribuído para a perda da saúde de Júlia Medeiros.

Na tentativa de preservar a sua saúde, a família leva-a para residir em Natal, à rua da Misericórdia, na Cidade Alta. Júlia Medeiros não se recupera e passa os últimos dias de vida perambulando pelas principais avenidas do centro de Natal; por isso, foi apelidada pelos seus vizinhos de “*Rocas-Quintas*”, referência à linha de ônibus urbano que fazia o mesmo trajeto feito pela professora.

Segundo a sua sobrinha, a senhora Maria Julieta Dantas, Júlia Medeiros passava os dias catando o lixo daquela região, com o objetivo de ajudar os pobres. Maltrapilha, certa vez parou diante da vitrine de uma das lojas da avenida Rio Branco e ficou apreciando um dos vestidos, pois sempre fora admiradora da elegância feminina. No entanto, um dos comerciantes acionou a polícia para coibir qualquer ação mais ousada. Revoltada com toda aquela movimentação ela revidou: *Não sou ladra, sou prima de Walfredo Gurgel e Dinarte Mariz.* Sem acreditar do parentesco de importantes políticos do Estado, os policiais a cercaram, quando na ocasião ia passando o Sr. Arthur Dias, político de Caicó, que

conheceu Júlia Medeiros envolvida naquela confusão. Ele interveio e afirmou para todos os presentes: *Esta é Júlia Medeiros, uma das mulheres mais importantes da história do Seridó.*

A professora terminou seus dias no Hospital João Machado, em Natal, sem o gozo das suas faculdades mentais, vindo a desaparecer no dia 28 de agosto de 1972.

2.4 Dolores Diniz: pacata, cordial e simples

A gerente do *Jornal das Moças* (1926-1932), Dolores Diniz, desempenhou sua função com esmero e dedicação. Estava sempre à frente do jornal, juntamente com a professora Georgina Pires.

Essas mulheres imprimiam nos periódicos femininos do Rio Grande do Norte, guardadas as devidas proporções, aspecto de empresa, tal qual os grandes jornais norte-rio-grandenses. Essa tarefa exigiu de suas editoras dedicação e perseverança para administrar um jornal pequeno, mas que nasceu da abnegação e do desejo da mulher caicoense em se fazer ouvir.

No que concerne aos seus escritos no *jornalzinho*, Dolores Diniz descreve, em um dos artigos, a sua concepção sobre a mulher:

Não creio, como muita gente, que é preciso ter os lábios e faces bem pintados, elegância, pose de melindrosa, ou quaisquer desses predicados que exige a vaidade exagerada; tudo isso pode desaparecer na continuação do tempo. O encanto da mulher consiste unicamente em ser virtuosa. Pode concorrer também em certo ponto de vista, a polidez, a modéstia limitada, simplicidade dos modos, não cultivada por isso nenhuma vaidade (*Jornal das Moças*, 04/04/1926).

O conceito de Dolores Diniz traduz a sua personalidade, segundo os depoimentos e entrevistas de seus familiares e amigos. Era simples, elegante, gentil, sorridente e idealista.

A gerente da folha nasceu em Caicó, no dia 05 de outubro de 1901, sendo filha do sr. Sabino Policarpo Diniz e da sra. Maria Benigna Vale. *Era uma mulher pacata, cordial e simples*, afirmou o sr. Oriel Diniz.

Dolores Diniz, ao contrário de suas companheiras do *Jornal das Moças* (1926-1932), Júlia Medeiros e Georgina Pires, não foi professora diplomada. Ela foi alfabetizada em sua própria casa e se tornou professora particular. Ensinava em sua residência. Sempre foi apaixonada pela educação. Aos 15 anos, já redigia para um jornalzinho manuscrito denominado *A Escola* (1916-1917), órgão comprometido com a educação das crianças da cidade. Encontrei registros desse jornalzinho educativo no jornal *O Binóculo* (1916-1918), editado em Caicó:

“A Escola” (1916-1917), é um jornalzinho manuscrito, editado nesta cidade, tendo como redatoras as gentis senhoritas: Assunção de Medeiros, Julinda Gurgel – também foi colaboradora do *Jornal das Moças* (1926-1932), Dolores Diniz, Severina de Brito, Arthemina Dantas e Theodora Vale (*O Binóculo*, 08/07/1917).

Como professora particular, Dolores Diniz alfabetizou todos os seus filhos. Em 1991, na ocasião das comemorações dos seus 90 anos de idade, a sua filha mais velha, Maria Augusta Diniz, prestou uma homenagem à mãe com uma carta intitulada *Carta aberta a uma mulher forte*:

(...) Tua mocidade nas velhas ruas lajeadas do Caicó. Lá, naquele rincão interiorano, já fazias sucesso nas festas e saraus dançantes. Tua beleza e simpatia eram motivos de citação e comentários nas colunas sociais dos jornais da terra. Eras bonita, meiga e inteligente. Assim se referiam a ti os colonistas da época. Falaria de ti, professora, artista, poetisa (...) Como gostaria de saber falar de ti, mulher guerreira,

que muito jovem ainda dividia com o marido a responsabilidade das despesas da casa, além de ser cozinheira, babá e professora dos filhos.

A edição do *Jornal das Moças* (1926-1932), de 28 de fevereiro de 1926, traz em suas páginas o perfil de Dolores Diniz:

Pequenina, gentil e faceira. Nos seus lábios mimosos e coralinos, vive sempre a adejar um sorriso feiticeiro. Olhos negros, como a noite escura, têm lampejos de estrela e às vezes languidez de amor(...) A sua meia cabeleira preta e anelada que dava um encanto especial à sua cabecinha redonda e sedutora (*Jornal das Moças*, 28/02/1926).

Desempenhando a função de gerente, desde a fundação do *Jornal das Moças* (1926-1932), Dolores Diniz saiu dos quadros do periódico em virtude de seu casamento com o comerciante de Caicó, o Sr. Aderson Soares, proprietário de curtume, de uma loja de tecidos e do Hotel Avenida, em Caicó.

O enlace aconteceu na residência do Coronel Luiz Agatângelo de Brito, no dia 10 de agosto de 1926, às 17 horas, segundo reportagem do *Jornal das Moças* (1926-1932).

A edição desse jornal, datada de 07 de agosto de 1926, publicou uma nota que trata da saída da sua gerente, com o título *Dolores Diniz*:

A todas que trabalham neste jornal causou sincera tristeza a retirada da nossa distinta companheira Dolores Diniz, que vinha exercendo com toda dedicação e inteligência o lugar de gerente desde o primeiro número. Levando os nossos justos agradecimentos cheios de nossas saudades à querida amiguinha que por tanto tempo esteve conosco, fazemos votos pela sua felicidade pessoal e de seu novo estado (*Jornal das Moças*, 07/08/1926).

Dolores Diniz não apenas deixa o espaço público para se dedicar ao seu esposo, ela também deixa o estado e vai morar na vizinha Paraíba, na cidade de Campina Grande. Segundo o seu irmão, o sr. Oriel Diniz, o motivo da mudança de estado foi devido a crise do comércio de Caicó. A cidade de Campina Grande, por sua vez, prosperava nessa área.

O seu antigo cargo de gerente foi ocupado pela colaboradora Santinha Araújo. Este fato é notado a partir da edição de nº 30 do *Jornal das Moças* (1926-1932), datado de 15 de Agosto de 1926. Na primeira página, logo abaixo do logotipo do jornal aparece o nome de Santinha Araújo como a nova gerente da folha.

A referida matéria foi publicada na segunda página da edição de número 30, datada de 15 de agosto de 1926, cinco dias após o casamento de Dolores Diniz. Com o título *Enlace de Dolores*, a reportagem retrata o casamento da ex-gerente do jornal, que aconteceu no dia 10 de agosto de 1926. Segundo o periódico, após a cerimônia foi oferecido um chá:

Á noite foi oferecido aos convidados numa mesa artisticamente preparada um excelente chá, seguindo-se as danças que se prolongaram até às 21:00h. A distinta família do Coronel Luiz Agatângelo de Brito a todos cativou pelo seu trato fidalgo (*Jornal das Moças*, 15/08/1926).

O jornal encerra o relato do casamento de Dolores Diniz prestando uma homenagem a sua editora. Segundo a matéria, sua atuação como gerente foi de êxito, de estabilidade e de aceitação perante a sociedade de Caicó, numa época em que se torna figura pública era direito apenas dos homens: A nossa querida ex-companheira, a quem o “*Jornal das Moças*” deve o melhor de sua estabilidade, de seu brilho e de sua aceitação, levamos os nossos sinceros votos de felicidades (*Jornal das Moças*, 15/08/1926).

A atuação de Dolores Diniz na folha não se limitou a gerenciar. Em outra matéria, na mesma edição da reportagem do seu casamento, o jornal publicou o seu discurso na ocasião do *Festival*

Lítero-artístico, evento promovido pelo *Jornal das Moças* (1926-1932) e realizado no teatro Avenida. Na abertura do Festival, ela inicia a sua fala enfatizando a importância daquele jornal para a sociedade norte-rio-grandense:

O *Jornal das Moças* é uma bela cintilação da inteligência feminina, porém, é, mais ainda, um padrão de trabalho de amor e de virtude. Em pleno século XX, meus senhores e minhas senhoras, quando o liberalismo feminino se levanta (...) a moça de Caicó conseguiu esse triunfo, essa idéia, esse pensamento com a criação do seu jornal (*Jornal das Moças*, 15/08/1926).

No seu discurso, observo o desejo de Dolores Diniz, com relação à folha que gerenciava. Na ocasião, ela destacou a importância de divulgar para toda a cidade de Caicó, aquele que era a voz da mulher e solicitou a cooperação de toda a sociedade, principalmente as moças de Caicó:

A cooperação é, porém, o fundamento do seu progresso (do jornal). A dinâmica de sua vida é a razão de sua existência no povir. Assim, pois, precisamos do carinho do vosso apoio, da benevolência da vossa simpatia. Por um princípio de sociabilidade entre a moça norte-rio-grandense, contamos com a vossa propaganda, com o vosso grito de ânimo e de coragem, a fim de que seja verdade o intercâmbio intelectual, moral e social, da mocidade feminina, sempre cheia de esperanças vigorosas e de aspirações verdadeiramente admiráveis (*Jornal das Moças*, 15/08/1926).

Dolores Diniz convida toda a sociedade que se fazia presente naquele evento, principalmente o público feminino, para levantar a bandeira em defesa do jornal, da sociabilidade das moças

da cidade, como também o desenvolvimento da inteligência feminina norte-rio-grandense. Entretanto, ela encontrava mulheres que atendiam ao seu pedido; uma colaboradora do jornal que assina como *Violeta* emite a sua opinião:

Foram dez dias de risos, esperanças e amores e ilusões. No meio de tanto encantamento em que os corações jovens se deixaram embriagar no perfume que envolve o ar nesses dias de gala, só uma coisa me fez triste e pensativa – não ter ido a festa do Jornal das Moças (Jornal das Moças, 15/08/1926).

Era o desejo das mulheres de Caicó em conquistar novos espaços na sociedade. A vida moderna exigia novas formas de comportamento. O jornal era um espaço privilegiado, pois chegava aos lares e levava consigo assuntos e discussões que transcorriam fora do espaço privado.

Nesse ínterim de agitação, onde tudo parecia novo, as mulheres, que eram educadas para o espaço privado, começaram a despertar suas inquietações para também participar daquele momento, que até então poucos tinham acesso; as “*maravilhas da modernidade*”.

Esse espírito de modernidade é presente em um trecho do discurso de Dolores Diniz na abertura do Festival Lítero-artístico: (...) queremos as alturas condoreiras, galgar nas asas do optimos, andar de braços com a evolução (...), que encontra apoio na civilização cosmogônica das grandes cidades (Jornal das Moças, 15/08/1926).

No entanto, apesar do discurso que aborda as questões femininas e o desejo de conquistar direitos sociais, a gerente abandona seu trabalho após o casamento. Afirmo isso no sentido de opção pessoal, da vida privada, pois os espaços, conforme já foi abordado, eram distintos, ou seja, naquele recorte temporal, a mulher não exercia ainda a jornada dupla de trabalho no público e no privado.

A partir daquele momento, Dolores Diniz deixa o espaço público, conquistado através das suas práticas de escrita, sobretudo, as suas práticas administrativas, função esta exercida exclusivamente fora do lar pelo homem, para dedicar-se ao casamento.

Esta atitude da ex-gerente do *Jornal das Moças* (1926-1932) representa a maneira que a sociedade vigente naquele período pré-estabelecia para os destinos das mulheres. Mesmo detentora de idéias e pensamentos que iam de confronto com as normas sociais, como o direito de voz à mulher, por exemplo, Dolores Diniz fez-se calar.

O seu silêncio diante do abandono do espaço já conquistado de maneira competente, como afirmou a professora Georgina Pires, no artigo já citado do seu jornal, é reflexo dos mecanismos de controle social, de naturalização dos papéis.

Sobre essa questão Coutinho (1994, p.39) assinala:

A naturalização dos papéis atribuídos às mulheres tornou invisível a regulação de seus desejos, de sua vida, enfim, a violência simbólica de que elas são vítimas, ocultando as relações de poder que se estabelecem no interior da sociedade (...) os comportamentos de subordinação femininos ficam, então, emaranhados no cotidiano destas mulheres como forma natural de organização de suas vidas diárias, sem que muitas delas tomem consciência deste fato, ou seja, se a têm, lhe outorgam consenso exatamente porque são naturais.

No fragmento, coloca-se de maneira clara que a naturalização é imposta de maneira invisível no interior da sociedade. O comportamento de subordinação é intrinsecamente emaranhado no cotidiano de uma dada sociedade, de modo “*natural*”, normal, sem que muitas mulheres se dêem conta.

Na Paraíba, Dolores Diniz constituiu uma família de quatro filhos: Maria Augusta, Maria Dulce, Fernando Augusto, Maria Aline e Maria do Céu, esta falecida quando criança. Além do

ofício de mãe, Dolores Diniz também exerceu a função de costureira para ajudar o orçamento doméstico, pois os negócios do seu marido estavam em dificuldades. Devido a isso, no 1º de maio de 1938, Dolores Diniz muda-se para a capital paraibana com sua família. O seu marido Aderson Soares, juntamente com o cunhado, abrem uma saboaria batizada de *Saboaria Cearense*, que produzia o *Sabão maravilha*.

Segundo Oriel Diniz, a sua irmã foi uma excelente mãe e esposa. Assinala que Dolores Diniz foi uma *mãe exemplar, dedicada, paciente e tolerante*. Para ele, ela foi irmã e mãe ao mesmo tempo. Ela morreu no dia 05 de abril de 1999, aos 97 anos de idade, em João Pessoa, Paraíba.

2.5 Georgina Pires, fundadora do Jornal das Moças

Fundar um veículo que fosse o eixo norteador do pensamento das mulheres da cidade de Caicó não foi tarefa das mais fáceis para a professora Georgina Pires, filha de família tradicional daquela região. A citada educadora, com espírito empreendedor e ousado para os padrões sociais vigentes, torna público o pensamento da mulher caicoense quando funda naquela cidade, o *Jornal das Moças* (1926-1932), no dia 07 de fevereiro de 1926, aos 24 anos de idade. Ela nasceu em Caicó, no dia 13 de julho de 1902, sendo filha de Serafina de Araújo Pires Ferreira e do médico José da Silva Pires Ferreira⁴, filho de portugueses, conhecido na cidade com dr.

⁴Paraibano, de João Pessoa, nasceu em 1852 e chegou a Caicó em 1887, com 35 anos de idade. Trazia um título de médico e havia defendido tese. Em 1904, foi ao extremo Norte, Amazonas, cavar a vida atraído pela borracha. Não levou a família. Cientista, inteligente e culto, tinha uma grande vocação pelas artes. Construía qualquer móvel, casas, barragens. Protou e administrou a construção da Intendência Municipal de Caicó. Foi o primeiro médico que chegou e morou em Caicó. Fazia verdadeiro sacerdócio da sua profissão. Cobrava 5 mil réis por uma consulta. Morreu em 1948, portanto com 96 anos, quase um século, receitando para os que não podiam pagar. Completamente

Pires, considerado por muitos caicoenses como o primeiro médico da cidade e um homem de bom coração, como assinala Nóbrega (1981, p.61):

Apóstolo da caridade, nunca deixou voltar de sua porta um cliente porque não tinha dinheiro. Amava a pobreza (...), exercia sua profissão em todos os municípios das adjacências, bem como nos da Paraíba. Na sua época, era muito difícil um médico naqueles sertões.

O pai da Georgina deixou exemplo de caráter, caridade, honestidade e nobreza aos filhos do Seridó. Nóbrega (1981, p.61-62) assinala que o Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, quando criança, deveu a sua vida ao dr. Pires, que o salvou, muito doente que estava.

A senhora Serafina Pires morreu jovem, aos 31 anos de idade, quando Georgina Pires se encontrava com cinco anos. A função de criar os oito filhos da família Pires ficou a cargo da criada da família, Maria Angélica, batizada de *mãe preta*, por causa de sua cor. Sobre este fato, Nóbrega (1978, p.55) assinala que Angélica *se transformou em mãe preta devido o carinho e desvelo com que tratou as crianças. Daí a estima e veneração de todos. Com a missão de criar os filhos do Dr. Pires, mãe preta legou aos seus filhos adotivos os sentimentos mais puros da grandeza moral. Sempre estava presente a qualquer "ai" dos seus tutelados.*

A professora Georgina Pires foi homenageada na edição inaugural do *Jornal das Moças* (1926-1932), através da coluna intitulada *perfil*, assinada pela colega e colaboradora de pseudônimo *Violeta*:

Quando vai à igreja, com seu porte de rainha, os seus olhos claros, grandes cismadores, tem o esplendor das cousas infinitas! Sua tez morena e acentinada,

lúcido. Enviuvava em 1908, viveu 40 anos na viuvez insípida (Nóbrega, 1981, 60-62).

suas mãos cruzadas sobre o peito, seus lábios murmurando uma oração, têm o palor das santas quando oram. Os seus dentes lembram as lindas pérolas de Ophyr. Alma de criança, coração feito para o amor; ama com delírio o seu ideal, sonho querido de sua mocidade (Jornal das Moças, 07/02/1926).

As palavras de sua colega Violeta traduzem as características físicas, a religiosidade e a personalidade forte e idealista da professora Georgina Pires, que obteve uma educação fora dos padrões da maioria das mulheres da sua terra.

Georgina estudou na Escola Normal da Paraíba, em João Pessoa, em 1920, incentivada pelo seu pai. Segundo depoimento de sua filha Alcione Pires, ela foi a primeira moça de Caicó a estudar na capital paraibana e eleita naquela instituição a moça mais elegante da escola. Retornou a Caicó após receber o título de professora. Chegando a sua terra natal, foi ensinar no Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus, da Congregação Filhas do Amor Divino.

Sua passagem na citada instituição foi efêmera, segundo depoimento da filha Alcione Pires. Sua mãe atuou como professora aproximadamente cinco anos, pois Georgina Pires, após voltar da Paraíba com idéias escolanovistas, logo se deparou com a pedagogia tradicional das freiras, gerando atritos e discórdias. Salete Pires assinalou que a sua mãe era idealista e autêntica em suas idéias, por isso abandonou a instituição por não concordar com os métodos tradicionais das irmãs da referida congregação. Ninguém mandava nela.

Nas palavras do Monsenhor Walfredo Gurgel, *a professora Georgina Pires era uma das mulheres mais inteligentes que já conheceu naquela região*, concluí Salete Pires, em seu depoimento em fevereiro de 2002.

Por fim, Georgina Pires também deixa o Jornal das Moças (1926-1932) para se casar com Janúncio Bezerra da Nóbrega. A edição do citado periódico de 15 de agosto de 1926 registra em suas páginas que o sr. Janúncio Bezerra da Nóbrega, futuro

marido de Georgina, viajava para a sua terra natal a cidade de Acari/RN com o objetivo de participar da festa da padroeira daquele município, qualificando-o como colaborador do jornal: A fim de assistir a festa da padroeira de Acari, seguiu na segunda feira última (09 de agosto de 1926), o sr. Janúncio Bezerra, um dos talentosos colaboradores desta folha (Jornal das Moças, 15/08/1926).

O escritor Janúncio Bezerra da Nóbrega se fez presente nas páginas do jornal, sendo um dos poucos do sexo masculino a colaborar para a folha. De acordo com Manoel Rodrigues de Melo (1987, p. 28), outro homem também colaborou para o jornal, o Sr. Renato Dantas.

Na coluna *Notas sociais*, da edição de 23 de maio de 1926, é publicada uma nota em que Janúncio Bezerra, ainda solteiro, responde a um questionário que semanalmente era proposto às pessoas importantes da cidade de Caicó. Indagado sobre *o que é um olhar*, ele responde nas páginas do *Jornal das Moças* (1926-1932):

Sempre pensei que ele é veículo condutor da expressão viva da alma. Há tanta eloquência num modo de olhar. Às vezes é tão significativo, que dentro de um minuto ele é tristeza e é alegria, é amor e desgosto. É a pergunta e é a resposta d'alma, é uma promessa e é uma negação. É em suma, a confissão do estado d'alma (Jornal das Moças, 23/05/1926).

Nascia, portanto, uma admiração mútua. De acordo com Salete Pires, sua mãe era admiradora do noivado e do casamento, era muito católica, foi diretora da União das Filhas de Maria, deixando ali um vasto círculo de amizade. Seu comportamento era de recato e pureza, não gostava de dançar e dizia que *jamais encostaria o busto num rapaz* antes de casar-se, assinala a sua filha.

Sobre o noivado, a edição do *Jornal das Moças* (1926-1932), de 15 de agosto de 1926, publicou uma nota intitulada *Pensamento*, que versa sobre a importância da cerimônia: O noivado,

pela sublime e dignificante satisfação que reina severamente nos corações dos noivos, torna-se um dos elementos de primeira necessidade para a condição da vida (Jornal das Moças, 15/08/1926).

A professora Georgina Pires casou-se com o sr. Janúncio Bezerra da Nóbrega no dia 22 de fevereiro de 1927, na Igreja matriz de Caicó. De acordo com uma das suas filhas, Salete Pires, o casamento de sua mãe *foi muito alinhado, destacando a beleza e elegância da noiva, sendo considerada uma das mulheres mais elegantes da sociedade norte-rio-grandense, se comportava sempre dentro dos padrões de elegância e beleza.*

Após o casamento, Georgina Pires dedicou-se a sua família. Inicialmente permaneceu em Caicó, em seguida muda-se para Mossoró/RN e depois Acari/RN. Georgina Pires teve onze filhos, dos quais oito se criaram. De acordo com Salete Pires, *seus pais eram bem casados, alegres e demonstravam felicidade, eram realmente almas gêmeas. Ele era um bom marido, apaixonado pelos filhos, e sua mãe tinha o apoio do marido, que nunca tirou a autoridade dela diante dos filhos,* assinala Salete Pires.

Salete Pires observa que, quando criança, ficava encantada com os beijos apaixonados dos seus pais. Assinala que a maior *missão da mulher daquela época era educar e orientar os filhos, função que sua mãe fez brilhantemente, pois ensinou os filhos a ler e a escrever, era uma mulher culta, lia bastante. Formou os seus oito filhos.*

Georgina Pires faleceu em Natal, no dia 25 de junho de 1990, aos 88 anos. O jornal *Tribuna do Norte*, edição de 29 de junho de 1990, publicou uma nota sobre a sua morte, na coluna *Fatos e figuras do Seridó*, assinada pelo jornalista Carlos Magno Dantas:

Faleceu em Natal, no último dia 25 a professora Georgina Pires Ferreira da Nóbrega, 88 anos, nascida em Caicó e viúva do historiador, escritor e técnico agrícola Janúncio Bezerra da Nóbrega (...) Dona Georgina foi professora (...) era filha do casal Serafina de Araújo Pires e José da Silva Pires Ferreira, na intimidade conhecido como Dr. Pires, o primeiro médico

de Caicó, cujo nome ainda é lembrado hoje, por todo Seridó, pelo desprendimento e assistência aos mais necessitados de toda a região. Dona Georgina deixou oito filhos (Tribuna do Norte, 29/06/1990).

Essa professora teve uma trajetória de vida pautada nas reivindicações dos direitos das mulheres, ao fundar o *Jornal das Moças* (1926-1932), veículo irradiador dos pensamentos femininos em busca de conquistar direitos sociais e se fazer ouvir pela sociedade norte-rio-grandense. Como também ao desempenhar as suas práticas pedagógicas ao lecionar geografia no Colégio Santa Teresinha, discordando dos métodos pedagógicos da citada instituição. Por outro lado, por opção, dedicou-se ao privado, vivendo para a sua família, função que desempenhou brilhantemente como relataram as suas filhas.

À frente do *Jornal das Moças* (1926-1932) cumpriu o seu papel, junto com as demais colaboradoras, ao propagar as suas idéias e críticas com relação às normas sociais vigentes naquele período. Mesmo optando em viver para a sua família, sempre fez o que tivera vontade e teve a sua vida nos dois pólos distintos, o público e o privado.

Seu comportamento era de recato, assim como a gerente Dolores Diniz, que também viveu no público e no privado. A professora e redatora Julia Medeiros, por sua vez, chocou a sociedade caicoense com o seu modo de viver, como forma de protesto com relação às convenções da sociedade dos anos de 1920. Portanto, Júlia Medeiros não se casou por opção, não aceitando viver apenas para a família, sua atitude pode ser classificada de certa forma de “*extremada*”, em comparação às suas companheiras dessa investigação, pois optar em viver no privado não significaria abandonar as idéias e reivindicações das mulheres.

Desse modo, restava às mulheres essas alternativas, tanto no espaço público como no privado. Foi o caso da professora Júlia Medeiros, que não bastou fazer uso do veículo de comunicação, o *Jornal das Moças* (1926-1932), para divulgar as suas idéias e reivindicações na sociedade; ela utilizou a tática de chocar a comuni-

dade. Já as suas companheiras também fizeram uso do periódico para propagar os direitos das mulheres, mas utilizaram também de táticas para articular a sua família, de modo mais sutil.

2.6 Educação em Caicó

O anseio pela instrução em Caicó remonta à época dos primeiros povoados. De acordo com Araújo (1998), a região era habitada por gente da melhor estirpe, oriunda do Reino ou das capitâneas da Paraíba e Pernambuco.

A partir dos anos de 1800, era tradição das elites da região do Seridó manterem uma relação social e econômica com as cidades de Olinda e Recife, em virtude da hegemonia comercial e social, principalmente da capital pernambucana, que exerciam a supremacia econômica sobre as demais capitais do Nordeste.

Por ser centro comercial da Região, era comum a ida das elites do Seridó a Recife para transações comerciais. Araújo assinala que os negócios financeiros naquela praça giravam em torno *das exportações de algodão pelo porto de Recife, visto que o Seridó era um grande produtor, e de compras referentes às últimas novidades em matéria de vestimentas e adornos* (Araújo, 1998, p.45).

Em decorrência dessas relações comerciais e sociais com as duas cidades pernambucanas, as elites seridoenses escolheram a Faculdade de Direito e o Seminário de Olinda para os estudos maiores dos seus filhos e netos. Para as elites locais, a educação escolar era considerada o caminho de preparação de letrados e bacharéis para as carreiras de funcionário público, do sacerdócio e do profissionalismo político, de acordo com as formas de trabalho próprias das elites, em uma sociedade de economia agrária (Araújo, 1998, p.46).

Em consonância com esses princípios, como também a orientação pedagógica da Metrópole, as Escolas de Primeiras Letras, também conhecidas como *escolas menores*, foram criadas em Caicó (Na época, *Vila Nova do Príncipe*), a partir do regime

de educação doméstica, que consistia na orientação de um professor, denominado *mestre-escola*, ou de um padre ou capelão, como foi o caso do Padre Francisco de Brito Guerra, que fundou uma escola de Latim. Lamartine (1965, p.37) assinala:

No velho sertão do meu tempo, o ensino primário era geral, ministrado por mestres-escolas, contratados pelos fazendeiros, além das escolas oficiais serem em número insuficiente e sediadas nas vilas e cidades. A grande distância das residências dos fazendeiros, tornava-se impossível alfabetizar as crianças com idade escolar sem concurso dos mestres-escolas que faziam da profissão de professores o seu ganha pão.

Os mestres-escolas eram contratados pelos fazendeiros da região para educar os filhos, durante três a quatro meses por ano. Para tal função, não se exigia concursos ou títulos, apenas saber ler, escrever e conhecer as quatro operações com desembaraço. As grandes distâncias das escolas oficiais, bem como o reduzido número destas instituições, contribuíram para proliferação dessa prática nas fazendas do sertão do Rio Grande do Norte. Esses educadores *atravessaram a segunda metade do século XVIII e ensinaram pelo séc. XIX, entocados nos sertões, prestando serviços relevantes, desasnando com beliscões, palmatória e vara de marmeiro os futuros chefes políticos, padres ilustres, soldados valorosos e fazendeiros onipotentes, saudosos tempo da escola, da oração inicial e do pedido de benção ao mestre cujos direitos morais jamais prescreviam* (Casculo, 1984, p.262).

O trabalho do mestre-escola foi de fundamental importância, pois alicerçava as crianças que ainda não se encontravam em *idade escolar*.

De acordo com Lamartine (1965, p.37), a *idade escolar*, nessas escolas, girava em torno dos 07 a 08 anos. Nas fazendas, que Lamartine cita como escola *particular*, se iniciava um pouco mais cedo. As escolas rurais eram mistas e as públicas, por sua vez,

mantinham a separação entre os sexos, como também as cadeiras isoladas de Latim e Francês.

Na última década do século XIX, o ensino primário era ministrado em duas etapas. Na primeira, utilizava-se a carta de ABC, para soletrar, e também a tabuada de Landelino Rocha. Já na segunda e última etapa do primário o material didático adotado era um livro de leitura, a Aritmética de Trajano e a Gramática de Língua Portuguesa de Abílio César Borges-Barão de Macaúbas. Do currículo não faziam parte história nem geografia (Lamartine, 1965, p.40).

Segundo Lamartine o material escolar constava de cadernos pautados, lápis, borracha, penas de aço comum, caneta e mata-borrão. Não havia instalações sanitárias, mesmo nas escolas públicas que funcionavam na rua. As necessidades fisiológicas eram feitas “no mato”. O autor cita também que posteriormente foram instaladas as chamadas *comuns*, que eram as privadas feitas de caixões.

Quanto à indumentária escolar, geralmente os alunos usavam calça curta de algodão, suspensório do mesmo pano, camisa, chinelo ou sapato. O professor trajava roupa de brim, colarinho duro e gravata.

No tocante ao método de avaliação nessas escolas, era através de exame oral ou escrito, efetuado no fim do período letivo. As provas não recebiam notas. Não havia também banca examinadora. Na solenidade de conclusão, o mestre anunciava a relação dos aprovados e reprovados.

O primeiro passo para a educação em Caicó foi a criação da *Escola de Latim*, fundada pelo Padre Francisco de Brito Guerra, designado para vigário da Freguesia de Santa’Ana em 1802. Ao chegar à *Vila do Príncipe*, uma de suas primeiras preocupações foi a fundação dessa escola: Designado para vigário da Freguesia de Santa’Ana, em 1802, ao chegar a Vila Nova do Príncipe uma de suas primeiras preocupações estava centrada na fundação dessa Escola (Morais, 1999, p.46).

O Padre Francisco de Brito Guerra foi um expoente na edu-

cação, com suas práticas educativas. Ensinava sem remuneração, como também proporcionava hospedagem para os alunos de outros lugares, em sua residência. Transformou o Seridó numa região de irradiação do conhecimento. Sobre as escolas de latim em Caicó, Santa Rosa (1976, p.120) assinala:

As escolas de latinidade em Caicó, a saber, o estudo do latim, da rigorosa construção gramatical, da literatura dessa língua, do português, de noções de francês, de lógica e retórica, abriram muitas perspectivas para a instrução em geral e para o preparo dos mestres-escolas.

A referida escola de latim foi mantida durante 52 anos, vindo a encerrar suas atividades no ano de 1888. A atuação do Padre Guerra na área da educação em Caicó, em meados do século XIX, foi como uma semente plantada em um terreno fértil e propício, pois com o passar do tempo frutificou. A região tornou-se *o núcleo irradiante da sabedoria sertaneja em toda a região do Seridó (...). Do seu casarão, o sobrado do Pe. Guerra, localizado por trás da Catedral de Sant'Ana, saíria a projeção fantástica como luz da formação mental de muitas gerações* (Revista Caicó, 1978, p. 10).

No limiar de um novo tempo, a chegada ao século XX, a cidade de Caicó viu surgir a primeira instituição oficial de educação. Isso aconteceu no governo Alberto Maranhão, com o decreto de 29 de abril de 1908, no qual determinava *pelo menos um grupo escolar em cada sede de comarca e uma escola mista em cada um dos municípios do Estado*. Assim surgiu o Grupo Escola Senador Guerra, em 1909. Inicialmente a escola funcionou provisoriamente nas dependências da Intendência Municipal, antiga prefeitura. Era, portanto, uma instituição voltada para o ensino primário.

Inserida em uma zona econômica importante em virtude do algodão, *Caicó foi uma das primeiras a entrar na campanha de*

ampliação da oferta do ensino primário. A cidade foi contemplada com a construção do Grupo Escolar Senador Guerra, que foi viabilizada por meio de auxílio estado, constituindo-se a primeira unidade escolar oficial de Caicó (Morais, 1999, p.59).

Segundo Monteiro (1999, p.128) o grupo escolar foi criado pelo decreto de nº 189 de 16 de fevereiro do 1909, pelo então Governador Alberto Maranhão. A sua inauguração aconteceu num dos salões da Prefeitura Municipal, onde funcionou por muitos anos, e sob a direção do Professor Pedro Gurgel. As primeiras professoras da escola foram D. Filomena Dantas e D. Alzira Monteiro.

Na década de 1920, período desta investigação, na administração de José Augusto Bezerra de Medeiros (1924-1927), em particular, constatou-se um impulso na educação no Rio Grande do Norte. À frente da presidência, José Augusto promoveu uma reforma educacional que, como uma das pautas modernizadoras da reforma do Estado, representou a intenção de ampliar as realizações escolanovistas em curso desde a reforma⁵ do ensino de 1916.

Em mensagem lida por José Augusto, na instalação da 12^a Legislatura estadual, em novembro de 1924, foi destacada, por ele, a importância conferida à educação pelos governos sucessivos de Alberto Maranhão, Ferreira Chaves e Antônio Mello e Souza, relativamente a uma nova organização geral do ensino, edificações de escolas e inspeção técnica. De modo que o Rio Grande do Norte poderia se apresentar diante dos outros estados *como um daqueles em que há uma eficiente aparelhagem escolar e, na rotatividade dos nossos recursos e da nossa população global, tem o maior número de institutos destinados ao ensino público* (citação de Araújo, 1998, p.141).

Nesse período, o então Grupo Escolar Senador Guerra ganhou sede própria, deixando as dependências da Prefeitura daquela cidade. No dia 22 de setembro de 1925, o citado governador finalmente inaugura a escola. Sobre este fato Monteiro (1999, p.128)

⁵Reforma do ensino de 1916 baseou-se na lei nº 405, de 29 de novembro de 1916.

afirma que o governador havia mandado construir a escola, mas os trabalhos não se iniciaram com o lançamento da primeira pedra, no dia 07 de setembro de 1922, mas sim, dois anos depois, em 1924, quando chegou à presidência do Estado o Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros.

No âmbito da educação, segundo Moraes (1999, p.58), o setor no qual as práticas políticas de José Augusto como mais inovadoras e de repercussão mais profundas era a educação. Fato esse que pode ser comprovado nas palavras de Mariz (1979, p. 8-9):

No governo de José Augusto o Rio Grande do Norte chegou a ocupar a invejável posição de segundo lugar no país em crescimento educacional e desempenho na faixa de escolarização, conforme estatística divulgada na época, atrás apenas de São Paulo (...). Caicó foi uma das primeiras a entrar na campanha de ampliação da oferta de ensino primário.

A política de José Augusto estava centrada basicamente em dois eixos: saúde e educação. De acordo com Moraes (1999, p.58), o fato de grande relevância para a saúde da cidade e da região foi a construção do Hospital do Séridó, em 1926, como registrou o *Jornal das moças* (1926-1932), na edição da ocasião da visita do presidente Washington Luiz.

Segundo Araújo (1998, p.18), no que se refere à educação José Augusto era *adepto da Escola Nova e foi um dos integrantes e entusiasta do movimento pela renovação da educação (...). Tal movimento foi um dos principais móveis para a perspectiva de fundação da Associação Brasileira de Educação-ABE (...), incentivo das reformas estaduais de ensino que, no Rio Grande do Norte, tiveram repercussão pela forma empreendida durante o governo do próprio José Augusto (1924-1927).*

O *Jornal das Moças* (1926-1932) publicou um artigo sobre o referido governador, destacando sua atuação:

Na larga messe de benefícios que o governo do Dr. José Augusto tem trazido ao Rio Grande do Norte,

devemos destacar (...) os serviços de assistência nas suas variadas expressões sociológicas. Todos os deveres de Estado têm tido através de sua larga visão um cumprimento tão fiel, tão decidido, que está a desafiar a elasticidade dos nossos poucos recursos e a escassez das nossas possibilidades econômicas do momento (Jornal das Moças, 15/08/1926).

O governo de José Augusto conseguiu ampliar, principalmente, a oferta de educação e saúde em Caicó. A matéria do *Jornal das Moças* (1926-1932) classifica essa atuação como *expressões sociológicas*, pois o binômio saúde e educação são requisitos essenciais para o desenvolvimento de uma sociedade, na visão do periódico: *Exaltemos, pois, com o grupo Escolar Senador Guerra (sede própria), o Colégio Santa Teresinha e o Hospital do Seridó, empreendimentos de uma administração que tem o dom superhumano de pensar o futuro* (Jornal das Moças 15/08/1926).

Como professoras preocupadas com a educação da comunidade, as editoras destacaram nas páginas do citado jornal o desempenho satisfatório do administrador, traduzido em artigos de apoio ao conterrâneo:

As promessas de uma larga administração, dentro dos mais rígidos princípios democráticos, se vão cumprindo dia a dia. As esperanças que a nossa imaginação de patriotas anteviu na completa personalidade política deste querido filho de Caicó se vão confirmando nas maneiras mais evidentes (Jornal das Moças 15/08/1926).

Seu governo mereceu destaque nas páginas do *Jornal das Moças* (1926-1932), devido à prioridade na educação e saúde, entre outros feitos, como cita o jornal:

Estradas, pontes, grupos escolares, colégios, toda expressão de atividade que se agita no torrão amado

tem tido, quase exclusivamente, para tornar sensível e palpável a sua capacidade realizadora (Jornal das Moças 15/08/1926).

A administração José Augusto concretizou o anseio da renovação do ensino dos primeiros anos dos novecentos. A renovação da educação ganhou grande impulso na década de 1910, através das campanhas de alfabetização, que tinham como objetivo sensibilizar a opinião pública do atraso geral do País, quanto da ausência de um projeto nacional de educação (Araújo, 1998, p.19).

Em consonância com isso, foi criado um intercâmbio, que Araújo chama de *relações e práticas sociais*, resultando em publicações de artigos na imprensa nacional, publicação de livros e revistas, a fundação de associações estaduais de educação, ligas de ensino, etc. Nesse sentido, segundo Araújo (1998, p.19), *a partir de 1927 deu-se início às Conferências e Congressos Nacionais, atingindo o ápice em 1932, como o célebre manifesto dos pioneiros da Educação e ligas, dirigido ao povo e ao governo, com uma proposta de reconstrução educacional do País. Tal manifesto culminou, por sua vez, com amplo desenvolvimento do escolanovismo no Brasil.*

O movimento da Escola Nova⁶, segundo Ghiraldelli (1992, p.25), enfatizou os métodos ativos de ensino-aprendizagem, deu importância substancial à liberdade da criança e ao interesse do educando, adotou métodos de trabalho em grupo e incentivo à prática de trabalhos manuais nas escolas; além disso, valorizou os estudos de psicologia experimental e, finalmente, procurou co-

⁶Movimento pedagógico que se pautou por refletir indicações teóricas provenientes de experiências distintas. No final do século XIX e início do século XX, inúmeras experiências na educação, em solo europeu e americano, registraram o aparecimento do escolanovismo. Em 1896, nos Estados Unidos, o professor universitário John Dewey (1859-1952) criou a University Elementary School, acoplada à Universidade de Chicago. Os textos de Dewey, a partir da década de 1920, começaram a conquistar os intelectuais jovens no Brasil, preocupados com questões educacionais.

locar a criança, e não mais o professor, no centro do processo educacional.

Acompanhando a modernização, a urbanização e a industrialização do País nos anos de 1920, vários estados brasileiros, sob a batuta de jovens intelectuais, como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Francisco Campos, etc, promoveram reformas educacionais inspiradas nos princípios da Pedagogia Nova. O *ciclo de reformas estaduais dos anos vinte*, como ficou conhecido tal episódio, contribuiu para a penetração do escolanovismo no Brasil (Ghiraldelli, 1992, p.25-26).

2.7 Colégio Santa Teresinha: primeiro colégio feminino de Caicó

O ensino oficial para as meninas no município de Caicó se deu através do Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus, que fora implantado em 1926. A idéia de construir o colégio Santa Teresinha iniciou-se numa reunião realizada no dia 17 de novembro de 1924, na casa do cônego Celso Cicco, o então vigário de Caicó. O encontro foi presidido por D. José Pereira Alves, Bispo de Natal, com o objetivo de deliberar sobre a fundação de um ginásio escolar para meninos, que seria batizado de *Ginásio Seridó* (Monteiro, 1999, p.111-112).

Para tanto, chegou-se a escolher o local onde funcionaria o colégio, a residência de D. Teresa Bezerra Fernandes, a antiga residência do Pe. Manuel José Fernandes, considerado o local ideal. Depois da sessão, uma comissão foi percorrer o prédio escolhido, cuja proprietária pediu pela sua venda dez contos de reis. O negócio foi fechado ficando a Mitra Diocesana encarregada do material pedagógico.

O desejado Ginásio do Seridó não saiu do papel. Em seu lugar, nasceu o Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus, voltado para a educação feminina. A cidade de Caicó tem uma história marcada pela eminência de grandes homens, tanto na política como

na educação. Nomes como José Augusto Bezerra de Medeiros, por exemplo, político importante que deu significativa contribuição para educação do município, entre os quais, o apoio e ajuda na instalação e manutenção do Colégio Santa Teresinha, fundado pela Congregação das Filhas do Amor Divino. Este foi, portanto, o primeiro colégio feminino da cidade. Teve como ponto de partida um movimento organizado pelo cônego Celso Cicco e pelas chamadas *famílias tradicionais* para que se instalasse na cidade um educandário destinado à educação integral das mulheres (Araújo, 1998, p.146).

A folha do Centro de Imprensa Católica, denominada *Diário de Natal* (1924-1932), noticiou sobre esse fato:

As dificuldades trazidas pela reforma do ensino fizeram com que D. José desistisse de fundar o colégio para meninos, como era seu desejo, para convertê-lo em educandário de menina (Diário de Natal, 28/10/1925).

D. José Pereira Alves convidou a Congregação das Filhas do Amor Divino para dirigir a nova instituição educacional. De origem austríaca, a congregação prontamente aceitou a direção do novo colégio. Por causa disso, no dia 11 de outubro de 1925 passaram por Natal nove irmãs com destino a Caicó. As despesas da viagem da capital a Caicó correram por conta do dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, então governador do Estado.

O colégio recebeu a denominação de Santa Teresinha em homenagem à santa francesa, cuja canonização coincidiu como a ano da fundação da escola. Segundo Moraes (1999, p.60), o colégio foi inaugurado no dia 15 de janeiro de 1926, quando o espaço nas cercanias de suas instalações era, basicamente, desocupado. Hoje, inserido em plena área urbana, localiza-se à rua Visitador Fernandes, no Largo Santa Teresinha, centro da cidade.

As aulas do colégio se iniciaram no dia 01 de fevereiro daquele ano. A primeira diretora do colégio foi Madre Teresinha Werner. De 1926 a 1944 o Colégio Santa Teresinha era mantido

com regular número de alunas, mas esse número não era suficiente para viabilizar o funcionamento daquela instituição:

(...) Passou por muitas dificuldades, é certo, mas Deus não desampara os que lhe são dedicados. O comércio de Caicó viu-se obrigado, certa vez, a mandar víveres para as freiras para que não viessem a passar necessidades. O povo de Caicó é bom e generoso. E ainda que mais nem uma aluna se matriculasse no colégio, as freiras não haveriam de morrer de fome, enquanto houvesse um caicoense que oferecesse um saco de feijão ou uma cuia de batatas (Monteiro, 1999, p. 112-113).

Um dos maiores benfeitores desse Colégio foi o Monsenhor Walfredo Gurgel; ele realizou juntamente com as irmãs, melhoras na instituição, como remodelar a casa velha do Pe. Manuel Fernandes, transformando-a no moderno e artístico edifício simétrico de suas linhas. Para tanto, as irmãs empreendiam campanhas para angariar verba, pelas cidades vizinhas, pedindo ajuda para o pagamento dos operários que estavam reformando o referido Colégio. Segundo Monteiro as irmãs da congregação iniciaram as reformas do prédio sem nenhum recurso em mão:

Sem possuir um tostão, as irmãs começaram, não sei como, a endireitar o colégio e tanto fizeram que terminaram acrescentando-lhe um andar. Era superiora Madre Francisca, filha de Caicó. Sempre os caicoenses zelaram pelo que é seu (...). Irmã Anita foi também um das propulsoras do movimento de reforma do prédio. Com a direção e a responsabilidade do Monsenhor Walfredo Gurgel. Foi ele quem conseguiu dos amigos dinheiro emprestado para o término dos trabalhos (Monteiro, 1999, p.113).

Mesmo com todas as dificuldades para concretizar o funcionamento do Colégio Santa Teresinha, o Monsenhor Walfredo Gurgel

ainda fez funcionar, posteriormente, em suas dependências, a Escola de Comércio, que teve a sua primeira turma em 1939, com dez alunas. Em 1941 foi criado no colégio o *Curso Comercial de Contabilidade* e, em 1947, o curso ginásial. Foi criado também, pelo Bispo da Diocese Dom José Delgado de Medeiros, a *Escola Doméstica Darci Vagas*. Em 1971 a designação de colégio foi substituída pelo nome de Educandário Santa Teresinha.

O Colégio Santa Teresinha foi palco de visitas ilustres. Em 1926, o então presidente eleito Washington Luiz esteve nas suas dependências para conhecer a instituição e o *Jornal das Moças* (1926-1932) relatou sobre a visita do presidente:

(...) Sua excelência fez uma breve visita ao Colégio Santa Teresinha, onde foi saudado pela talentosa educanda mademoiselle Octávia Medeiros que, em nome do colégio, ofereceu ao ilustre visitante diversos brindes (*Jornal das Moças*, 15/08/1926).

Segundo o escritor Adauto Guerra Filho, o presidente eleito Washington Luiz foi recebido à entrada do edifício do Colégio Santa Teresinha pelo Exmo. Bispo D. José, a Irmã Diretora e cônego Celso Cicco:

Foi uma festividade que muito sensibilizou o presidente pelo tom de graça e sinceridade de que se revestiu. Após o hino nacional entoado por todas as alunas, foi Washington Luiz saudado pela gentil senhorinha Octávia Medeiros que, numa oração, traduziu a alegria de suas colegas pela visita ilustre. Foi ofertado ao egrégio brasileiro um álbum de selos que circularam durante a conflagração europeia (...) (Guerra Filho, 2001, p. 135-136).

O mesmo aconteceu anos mais tarde, com as visitas de intelectuais, como Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo. Sobre esse fato, o jornal *A República* noticiou:

Na última quinzena de janeiro, visitaram o município de Caicó os Dr. Mário de Andrade, Antonio Bento e Luís da Câmara Cascudo. Os ilustres visitantes foram homenageados pelo Dr. Renato Dantas, cuja família dispensou fidalga acolhida. Das visitas que fizeram ao grupo escolar, Hospital do Seridó, Colégio Santa Teresinha (...), colheram magníficas impressões (A República, 06/02/1929).

Esse colégio sempre foi uma instituição que impunha respeito e admiração no que se refere à educação das moças. Mesmo com esse prestígio, algumas professoras não concordaram com os seus métodos pedagógicos, considerados *tradicionais*, numa época onde os pensamentos escolanovistas ganhavam adeptos em todo o Brasil.

Capítulo 3

Conclusão

Busquei, através da presente pesquisa, configurar o espaço do meu objeto, o *Jornal das Moças* (1926-1932), no qual as professoras Georgina Pires, Dolores Diniz e Júlia Augusta de Medeiros estavam inseridas, analisando suas práticas culturais e os elos de interdependência que moviam a sociedade caicoense.

Durante a minha trajetória em busca das fontes, enveredei por trilhas obscuras com o objetivo de fazer evidenciar o trabalho que, provisoriamente, ora finalizo. Essas trilhas foram clareando entre viagens, entrevistas e pesquisas nas bibliotecas e arquivos. Destaco os exemplares originais disponíveis do *Jornal das Moças* (1926-1932), fonte maior da minha análise e investigação. Percorrer todo esse caminho até chegar aos jornais originais não foi tarefa das mais fáceis. Foi um trabalho de rastreamento, de investigação, que foi realizado com paciência e obstinação. É como uma construção de um edifício, que tem de ser alicerçado passo a passo. Tecer a informação e, até mesmo, a desinformação que, às vezes, remetem para outros caminhos diferentes do pretendido.

Segundo Georges Duby (1993, p.21), as fontes são *como um material brutal. É dele que se extrai o essencial (...), pois convém perfeitamente para designar a massa inerte, o enorme amontado de palavras escritas e mal extraídas das pedreiras, onde os historiadores se abastecem, selecionando, recortando, ajustando,*

para construir em seguida o edifício cujo projeto eles conceberam provisoriamente.

Caminhar em direção às fontes e no sentido de reconstituir o recorte histórico do *Jornal das Moças* (1926-1932), como também as práticas de escrita dessas professoras, significou garimpar as reminiscências das memórias, que se encontravam adormecidas e até mesmo esquecidas com o passar dos tempos. Rastreei as informações entre seus familiares e conhecidos, na tentativa de tornar público o jornal e suas editoras. Nesse percurso fiquei surpreso, ao me deparar com alguns dos seus parentes que nem sequer sabiam da existência do impresso, com também a contribuição das professoras para a imprensa de Caicó, nos anos de 1920.

No entanto, não desanimei. Apesar das dificuldades para encontrar exemplares do *Jornal das Moças* (1926-1932), principalmente, as edições referentes aos últimos anos de sua circulação que me possibilitariam ampliar o universo da periodicidade do jornal ora investigado, não diminuíram a minha obstinação e o meu desejo em seguir adiante na pesquisa.

O desejo de reconstituir aquele jornal me contagiava e não me deixava esmorecer. No meu íntimo, sabia que o caminho da pesquisa não era tarefa das mais fáceis, mas também descobri, ao realizá-la, o prazer de recapitular uma história local e periférica, através dos aportes teóricos da História Cultural que, de acordo com Roger Chartier, é composta de três elementos indissociáveis: os objetos, na sua materialidade, as práticas, nas suas diferenças, as configurações, nas suas variações. A história do jornal, e de suas editoras, através dos conceitos da citada linha de pesquisa, possibilitou reconstituir, em parte, a história do *Jornal das Moças* (1926-1932) e de suas editoras, que a historiografia tradicional deixou à margem.

A pesquisadora Clarice Nunes (1996, p.114) assinala, por sua vez, que a pesquisa histórica se constrói sobre o tripé: *fontes, interpretações, narração*. Segundo ela, quando o pesquisador define um tema de interesse, já operou uma cisão. Essa cisão deslan-

cha um movimento de constituição de fontes, de escolha de guia teóricos, de táticas e estratégias interpretativas.

Interpretações e táticas que eu pude operar ao fazer a análise do jornal feminino de Caicó e, através dele, evidenciar as táticas e as configurações da sua fundadora, gerente, redatora e colaboradora. Essas mulheres estavam configuradas diferentemente das demais do seu tempo, pois fundar um jornal, como foi o caso dessas mulheres, fugia à regra naquela comunidade.

As educadoras em manchete nesta pesquisa foram exemplo de luta das mulheres na vida social e cultural da cidade, num período em que à mulher era reservado os afazeres domésticos, o espaço privado. Graças ao espírito empreendedor de Georgina Pires, a dedicação de Dolores Diniz, e a força da professora Júlia Augusta de Medeiros, o *Jornal das Moças* (1926-1932) se transformou no veículo condutor dos pensamentos e da voz da mulher na cidade de Caicó.

Georgina Pires, professora diplomada na Escola Normal da Paraíba, não aceitou as regras educacionais estabelecidas pelas instituições de ensino de sua cidade, e não se contentou, optando em fazer irradiar suas práticas de escrita e suas práticas pedagógicas nas páginas do seu jornal.

Dolores Diniz, por sua vez, mesmo não sendo diplomada, era professora por opção, desde jovem, apaixonada e comprometida com a causa educativa da sua comunidade.

Todavia, foram as práticas da colaboradora e redatora do *Jornal das Moças* (1926-1932), a professora Júlia Augusta de Medeiros, que mais se destacaram, na minha opinião, no desenvolvimento desta pesquisa. A presença da referida professora, sentida através dos textos, fotografias, documentos e dos depoimentos catalogados, fez-me transportar para o seu tempo e me envolveu de tal forma durante a construção desta pesquisa que, de certo modo, me senti partícipe das suas atitudes, abnegação e força. Ela foi para mim uma grata surpresa no percurso da minha investigação. A cada etapa, sentia a sua força, o seu idealismo, que transbordava e fazia cada vez mais me apaixonar pelas idéias, inquietações, ati-

tudes e até, como muitos dos seus conterrâneos assinalaram, de sua “*loucura*”.

Assim como o *Jornal das Moças* (1926-1932), Júlia Medeiros foi uma mulher de vanguarda, à frente do seu tempo. Ela quebrou regras e tabus na Caicó de outrora, com seu comportamento avançado e, na maioria das vezes *extremado* para os padrões sociais vigentes, como dirigir um automóvel, usar preto sem estar de luto, entre outros.

Ela não utilizou apenas a escrita para conquistar seus direitos, assim como as suas colegas do *Jornal das Moças* (1926-1932). Ela queria mais, por isso chocou a sociedade como forma de questionamento, foi contra o casamento numa época em que casar era a realização pessoal de toda mulher. Torna-se mulher no “*caritó*” para ela foi uma opção, enquanto para a maioria das mulheres do seu tempo seria o fim da sua vida, o tiro de misericórdia. Nesse contexto, ela não aceitava as convenções sociais. Para ela o casamento seria uma forma de ficar presa ao homem. Sua vida sempre foi vinculada ao espírito de luta, liberdade, conquistas e evolução.

Conforme fui mostrando no meu texto, a evolução da participação da mulher na imprensa norte-rio-grandense se deu através do *Jornal das Moças* (1926-1932). Eram as primeiras incursões no jornalismo feminino local com recursos da imprensa tipográfica. O bico de pena, o tinteiro, o mata-borrão, a caligrafia e o papel pautado eram instrumentos que estavam à disposição das redatoras de outrora, como por exemplo, as produtoras do jornal *A Esperança* (1903-1909), na cidade de Ceará-Mirim (Gomes, 1999, p.11).

Os jornais femininos, apesar de surgidos sob o signo da literatura, eram veículos propagadores das inquietações femininas na busca de conquistas sociais. Em suas páginas eram estampadas, taticamente e de modo sutil, as contestações e críticas à sociedade vigente e objetivava cada vez mais, incentivar as mulheres para elas não desanimarem na busca do seu crescimento social e intelectual.

A escrita como instrumento social para tornar pública suas

idéias e aspirações, seus desejos e suas tensões, no contexto social da comunidade da qual as mulheres faziam parte, era um dos elementos da engrenagem da luta das mulheres do final século XIX e início do século XX.

Segundo a professora Maria Arisnete Câmara de Moraes, no seu artigo intitulado *Relações de gênero: um tema posto na mesa*, (2000), o discurso dessas mulheres, visto como prática, é entendido como a matéria-prima da história e, a história cultural ganha prestígio ao realçar a importância da linguagem e das representações sociais, culturalmente constituídas: ou seja, a história cultural entre práticas, representações, apropriação e múltiplos significados, conforme análise de Roger Chartier.

Nessa compreensão, é possível investigar assuntos diversos, relacionados à mulher, sendo estes considerados sem importância, e combinar diversos enfoques, como a formação da mulher letrada, histórias dos impressos, a participação da mulher na imprensa, entre outros.

O presente trabalho possibilitou o desejo de aprofundar a análise do *Jornal das Moças* (1926-1932) e, conseqüentemente a das suas editoras, principalmente a professora Júlia Medeiros que, num outro momento, poderá ser objeto de análise. Suas práticas, seu comportamento e sua personalidade norteiam e ensinam o meu pensamento em estudá-los mais profundamente, tornando-se arcabouço de uma nova pesquisa.

A investigação do *Jornal das Moças* (1926-1932) me proporcionou enveredar e adentrar na seara da educação. Minha formação em Comunicação Social me despertou para empreender a análise do referido jornal editado pelas professoras. Na condição de jornalista, pude utilizar alguns conceitos técnicos do jornalismo. Mas foi ao empreender este trabalho que pude transitar em dois pólos distintos, a Educação e o Jornalismo. Nesse trajeto, me deparei com a educação, com a história da educação e as práticas pedagógicas das professoras destacadas, ampliando o meu conhecimento. No que se refere às práticas jornalísticas e às práticas de escrita, pude fazer uma nova leitura, que transpõe bar-

reiras geográficas e me fez viajar, através das letras, para lugares nunca antes visitados. Essa viagem por territórios alheios, como diz Certeau, faz do leitor um nômade sem sair do seu próprio espaço físico, do espaço real.

Através dessa prática, adquiri novas experiências, absorvi informações culturais e vivi (junto às fontes pesquisadas) histórias de vida, de uma dada sociedade, num dado período histórico: viver a história das mulheres e sua prática jornalística em Caicó. Diversas indagações ainda me ocorrem. Muitos aspectos ficaram de fora. Esta pesquisa provocou o desejo de viajar ainda mais longe...

Capítulo 4

Bibliografia

Entrevistas e depoimentos

- BRITO, Nilson de. *Sobre a cultura de Caicó e a fundação da cidade*. Caicó, 07 mai. 2002.
- DANTAS, Maria Julieta. *Sobre a professora Júlia Medeiros*. Caicó, 06 mai. 2002.
- DINIZ, Iara Rocha. *Sobre Dolores Diniz*. Caicó, 07 mai. 2002.
- DINIZ, Oriel. *Sobre a sua irmã, Dolores Diniz*. João Pessoa, 19 abr. 2002.
- FAUSTO, Adjuto. *Sobre as moças da cidade de Caicó na década de 1920*. Natal, 04 fev. 2002.
- GOMES, Otêmia Porpino. *A imprensa feminina no Rio Grande do Norte, o Jornal das Moças (12926-1932) e as suas editoras*. Natal, 10 fev. 2001.
- MARIZ, Maria Melo. *Sobre o Jornal das Moças e a professora Georgina Pires*. Caicó, 07 de mai. 2002.
- MEDEIROS, Maria das Dores. *Sobre as moças em Caicó e o Jornal das Moças*. Caicó, 08 maio. 2002.

- MELO, Manoel Alves de. *A vida da professora Julia Augusta de Medeiros*. Natal, 18 out. 2001.
- MILITÃO NETO, Pedro. *A tipografia em Caicó*. Caicó, 08 mai. 2002.
- MONTEIRO, Eldy. *A sociedade caicoense e as mulheres na década de 1920 e 1930*. Natal, 17 set. 2001.
- MONTEIRO, Euza. *A vida de Dolores Diniz*. Natal, 17 set. 2001.
- NÓBREGA, Luciano. *Sobre os aspectos culturais de Caicó e as professoras editoras do Jornal das Moças (1926-1932)*. Natal, 27 abr. 2002.
- OLIVEIRA, José Brito de. *As práticas educativas e a vida social da professora Júlia Medeiros*. Natal, 18 out. 2001.
- PIRES, Salete. *As práticas educativas de Georgina Pires e o seu casamento*. Natal, 15 Fev. 2002.
- PIRES, Alcione. *Sobre a professora Georgina Pires e sua vida em Caicó*. Natal, 15 Fev. 2002.
- PIRES, Georgete. *Sobre Georgina Pires e sua formação pedagógica*. Natal, 15 Fev. 2002.
- VERAS, Ivete Dantas. *Sobre Júlia Augusta de Medeiros*. Caicó, 06 mai. 2002.

Jornal pesquisado

Jornal das Moças (1926-1932). Semanário editado pelas professoras Georgina Pires, Dolores Diniz, Júlia Augusta Medeiros e outras colaboradoras da cidade de Caicó, Rio Grande do Norte.

Periódicos pesquisados

A Esperança (1903-1906). Folha literária manuscrita, editada pelas professoras Dolores Cavalcante e Izaura Carrilho, no município de Ceará-Mirim/RN

A República. Periódico republicano, fundado no dia 01 de julho de 1889, por Pedro Velho. Atualmente circula como Diário Oficial do Rio Grande do Norte.

Diário de Natal (1924-1932). Folha matutina, de propriedade do Centro de Imprensa Católica. O seu primeiro número circulou no dia 19 de outubro de 1924. Em 1947, um outro jornal intitulado *O Diário* (1939), passou a se chamar *Diário de Natal*, que circula diariamente.

O Binóculo (1916-1918). *Jornalzinho crítico, humorístico e noticioso. Circulou de 14 de maio de 1916 até 02 de junho de 1918, na cidade de Caicó/RN.*

O Eco Sertanejo (1907-1908). *Jornalzinho com poesias, notícias e críticas, fundado por João Victoriano. Era editado na cidade de Caicó/RN.*

O Mossoroense. Semanário, político, comercial, noticioso e literário, nasceu no dia 17 de outubro de 1872, de propriedade de Jeremias da Rocha Nogueira. Em 1902, surgiu outro jornal com o mesmo título, de caráter humorístico e ilustrado.

Revista Cigarra (1928-1929). Revista ilustrada, editada em Natal. Era dirigida por Aderbal França. O primeiro número circulou em novembro de 1928.

Revista de Caicó (1978). *Revista editada em Natal, circulou em Caicó com cerca de 78 páginas. Sua segunda edição é datada de 26 de julho de 1978. Tinha como editor o Sr. Orlando Rodrigues e colaboradores Silvano Ximenes Frota, Wanderley Cotuba Rodrigues, entre outros.*

Revista Pedagogium (1921-1925). *Órgão da Associação de Professores do Rio Grande do Norte, tendo como diretor o Dr. Nestor dos Santos Lima. O primeiro número circulou em julho de 1921.*

Tribuna do Norte. Jornal diário fundado por Aluizio Alves, em 24 de março de 1950.

Via Láctea (1914-1915). *Revista literária, em formato de apostilha, editado pelas primas Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley, em Natal.*

Documentos

DINIZ, Maria Augusta. Carta para Dolores Diniz. *João Pessoa, 03 out. 1991.*

Fundação José Augusto. *Centro de pesquisa Juvenal Lamartine.* Natal: FJA/CEPPEJUL. 1982.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Resolução nº 24, de 25 de julho de 1997.

Sites

www.gazeta-oam.com.br

www.globonordeste.com.br

www.verdesmares.com.br

www.seol.com.br

www.serido.com.br

www.itans.com.br

Livros

- ARAÚJO, José Gurgel de. Imprensa caicoense. *A República*, Natal, 01 jul. 1937.
- ARAÚJO, Marta Maria de. *José Augusto Bezerra de Medeiros: político e educador militante*. Natal: EDUFRN, 1998.
- ARBEX JÚNIOR, José. *Showrnlismo, a noticia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- ARNOLD, Edmund C. *Tipografia y diagramado para periódicos*. Nova York: Mengenthaler Linotype Company, 1965.
- BERNARDES, Maria T. C. Crescenti. *Mulheres de ontem? Rio de janeiro: Século XIX*. São Paulo: T. Queiroz, 1988.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. *O que é comunicação*. São Paulo: Brasiliense, 1982. (coleção primeiros passos).
- BORGES, Cláudia C. do Lago. *A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos pretos de Caicó da Capitania do Rio Grande do Norte*. Natal, 1997. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia crítica. In: *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. p. 17-58.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil editora, 1999.
- BRITO, Nilson de. *Brasil 500, ano 2000*. 2.ed. Natal: Gráfica Santa Maria, 1999.

- BITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel*. São Paulo, 1980. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Escola de Comunicação e Artes, 1980.
- BITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).
- CARVALHO, Isabel Cristine Machado de. *Participação feminina na imprensa potiguar: a contribuição de Palmyra Wanderley (1914-1929)*. Natal, 2002. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- CARVALHO, Isabel Cristine Machado de. Palmyra Wanderley: uma presença no jornalismo potiguar. In: MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. (Org.). *A mulher em nove versões*. Natal: EDUFRN, 2001. p. 71-79.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *O livro das velhas figuras: pesquisa e lembranças na história do Rio Grande do Norte*. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1977.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Locuções tradicionais no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Uma história da Assembléia do Rio Grande do Norte: Conclusões, pesquisas e documentários*. Natal: Fundação José Augusto, 1982.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal/Rio de Janeiro: FJA/Achiamé, 1984.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Lendas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução por Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1982.

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Tradução por Ephraim Ferreira Alves. São Paulo: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Unb, 1994.
- COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DAUPHIN, Cécile. Mulheres sós. In: *História das mulheres no ocidente*. O século XIX. (sob direção de Geneviève Fraisse e Michelle Perrot). Porto: Afrontamento, 1991. v. 4 p. 477-495.
- DINES, Alberto. *O papel do jornal*. Rio de Janeiro: Arternova, 1974.
- DUARTE, Constância Lima, MACÊDO, Diva Cunha Pereira de. Imprensa feminina no Rio Grande do Norte. In: *Encontro da Rede Regional Norte-Nordeste de Núcleos sobre mulher e relações de gênero - REDOR*, Natal, 1994. Anais... Natal: NEPAM/UFRN. p. 205-210.
- DUARTE, Constância Lima. *Mulher e literatura no Rio Grande do Norte*. Natal: CCHLA/NEPAM, 1994.
- DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: EDUFRN, 1995.
- DUBY, Georges. *A história continua*. Tradução por Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ UFRJ, 1993.
- ELIAS, Nobert. *Introdução à sociologia*. Tradução por Maria Luísa Ribeiro Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

- FÉLIX, Ezequiel da. MOREIRA, Aldo. FREIRE, Francisca Daise Galvão. *Júlia Medeiros, peso da tradição, desejo de liberdade*. Caicó, 1997. Monografia (Graduação em História) - Departamento de Estudos Sociais e Educacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- FERNANDES, Luiz. *A imprensa periódica no Rio Grande do Norte de 1832 a 1908*. 2.ed. Natal: Fundação José Augusto/Sebo vermelho, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução por Antônio Fernando Cascais: Alpiarça: Veja, B 2000.
- FLORESTA, Nísia. *Direitos da mulher e injustiça dos homens*. Recife: Typografia Fidedigna, 1832.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- GOMES, Otêmia Porpino. *Imprensa feminina: o jornal A Esperança (1903 – 1909)*. Natal, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- GUERRA FILHO, Adauto. *O Seridó na memória de seu povo*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2001.
- HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1859-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- IANNI, Octávio. *O príncipe eletrônico*. Campinas: Unicamp, 1998, (Col. Primeira Versão).
- LAGRAVE, Rose-Marie. Uma emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX. In: *História das mulheres no ocidente*. O século XX. (sob direção de Françoise Thébaud). Porto: Afrontamento, 1991. v. 5. p. 505-543.

- LAMARTINE, Juvenal. *Velhos costumes do meu sertão*. Natal: Fundação José Augusto, 1965.
- LEITE, Míriam L. M. *A década de vinte*. Caderno espaço feminino, Uberlândia, v. 03, n. 1/2, p. 69-77, jan./dez. 1996.
- LUCCOK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Edusp, 1975.
- MACÊDO, Muirakytan Kennedy. *A penúltima versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense*. Natal, 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- MANACORDA, M. *Da Antigüidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- MARIZ, Dinarte de Medeiros. *A Universidade que eu criei*. Caicó: [s.n], 1979.
- MARIZ, Marlene da Silva. SUASSUNA, Luiz Eduardo B. *História do Rio Grande do Norte, Império e República (1822-1934)*. Natal: Gráfica Santa Maria, 1999.
- MATTELART, Michelle. *La cultura de la opresión feminina*. México: Nueva era, 1977.
- MATTOS, Maria Regina Mendonça Furtado. *Vila do Príncipe - 1850/1890 - sertão do Seridó, um estudo de caso de pobre*. Niterói, 1985. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Fluminense.
- MEDEIROS, Júlia Augusta de. *A missão da mulher*. *Revista pedagium*, Natal, n.21, p.24-26, set./out. 1925.

- MEDEIROS, Maria das Dores. *Seridó antigo: história e cotidiano*. 2.ed. Natal: EDUFRRN, 1997.
- MEDEIROS FILHO, Olavo. *Caicó, cem anos atrás*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.
- MEDEIROS FILHO, Olavo. *Velhas famílias do Seridó*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1981.
- MEDEIROS FILHO, Olavo. *Índios do Açú e Seridó*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal. 1984.
- MEDEIROS FILHO, Olavo. Caicó: Tudo começou no sítio Penedo. *Revista do 5º Jubileu da paróquia de Sant'Ana de Caicó*. João Pessoa, p. 04, jul. 1998.
- MELO, Veríssimo de. *Calendário cultural e histórico do Rio Grande do Norte*. Natal: Conselho Estadual de Cultura, 1976.
- MELO, Manoel Rodrigues de. *Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte: 1907-1987*. São Paulo: Cortez, Natal: Fundação José Augusto, 1987.
- MONTEIRO, Pe. Eymard L'Eraistre. *Caicó: subsídios para a história completa do município*. 2. ed. Natal: Nordeste gráfica/ Sebo vermelho, 1999.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *Leituras femininas no século XIX*. Campinas, 1996. Tese, (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Vida íntima das moças de ontem: um encontro com Sophia Lyra. In: MIGNOT, Ana C. V., BASTOS, Maria H. C., CUNHA, Maria T. S. (Orgs.). *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p.109-122.

- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. (Org.). *Memória, educação e leitura*. Natal: Copiadora Cristalina, 2000.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Articulando memória, escrita e leitura. In: MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. (Org.). *Memória, educação e leitura*. Natal: Copiadora Cristalina, 2000. p.03-10.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *Relações de gênero: um tema posto na mesa*. *Caderno Da Vinci/Diário de Natal*, Natal, p. 08, ago. 2000.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Relações sociais de gênero: um tema controverso. In: MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. (Org.). *A Mulher em nove versões*. Natal: EDUFRN, 2001. p. 09-12.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Isabel Gondim: a educação enquanto prática de vida. In: MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. (Org.). *A Mulher em nove versões*. Natal: EDUFRN, 2001. p.13-28.
- MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Desvendando a cidade de Caicó em sua dinâmica espacial*. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1999.
- MORAIS, Marcos César Cavalcante. *Terras potiguares*. Natal: Dinâmica Editora, 1998.
- NÓBREGA, Janúncio Bezerra da. *Saudades do Seridó*. Natal: Clima, 1978.
- NÓBREGA, Janúncio Bezerra da. *Revivendo o Seridó*. Natal: Clima, 1981.
- NÓBREGA, Janúncio Bezerra da. *Denodados seridoenses*. Natal: Clima, 1983.

- NUNES, Clarice. Uma leitura das práticas educacionais à luz da nova história cultural. In: *Educação em questão*, v. 06, n. 02. Natal: EDUFRN, 1996. p.136-151.
- PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Org.). *História das mulheres no ocidente. O século XX*. (Sob a direção de Françoise Thébaud). Porto: Afrontamento, 1991. v. 5, p.7.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PINHEIRO, Rosanália de Sá Leitão. *Sinhazinha Wanderley: o cotidiano do Assu em prosa e verso (1876-1954)*. Natal, 1997. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- PINHEIRO, Rosanália de Sá Leitão. A professora Sinhazinha Wanderley e o Grupo Escolar Tenente José Correia. In: MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. (Org.). *A mulher em nove versões*. Natal: EDUFRN, 2001. p. 29-40.
- WANDERLEY, Rômulo C. *Panorama da poesia norte-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Do Val Ltda, 1965.
- RABAÇA, Carlos Alberto, BARBOSA, Gustavo (Org.). *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.
- RAGO, Magareth. *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Mulheres, 1998.
- RIZZINI, Carlos. *O jornalismo antes da tipografia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- ROCHA NETO, Manoel P. da; SILVA, Albery L. da. Mulheres jornalistas, o desafio da escrita. In: SBPC, 50., 1998, Natal. *Anais...* Natal: UFRN, 1998. p.377.

- ROCHA NETO, Manoel P. da; SILVA, Albery L. A Mulher no jornalismo potiguar: do manuscrito ao telejornalismo. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 09. 1998, Natal: UFRN - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. *Anais...Natal: UFRN.*
- ROCHA NETO, Manoel P. da. A participação da mulher no telejornalismo potiguar. *Via Láctea*, Natal, ago.1998.
- ROCHA NETO, Manoel P. da. *Telejornalismo feminino no Rio Grande do Norte: as primeiras imagens*. Natal, 1999. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Centro de Ciências, Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- ROCHA NETO, Manoel P. da. Telejornalismo feminino: a mulher e as primeiras imagens. In: MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. (Org.). *A Mulher em nove versões*. Natal: EDUFRN, 2001. p.99-103.
- RODRIGUES, João Batista Cascudo. *A mulher brasileira: direitos políticos e civis*. Brasília: Brasiliense, 1993.
- ROSUT, Aleixo, BRASILIANO, F. da Silva Jr., ALBUQUERQUE, Caio. *Dicionário Completo da língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1994.
- SANTA ROSA, Jaime da Nóbrega. A linguagem do seridoense: a influência do português arcaico e do clássico. In: *Tempo Universitário*. v. 1, n.1. Natal: UFRN, 1976.
- SANT'ANA, Armando. *Propaganda, teoria, técnica e prática*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1977.
- SILVA, Rafael Souza. *Diagramação, o planejamento gráfico na comunicação impressa*. São Paulo: Summus, 1985.

- SOIHET, Rachel. A pedagogia do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Berta Lutz. In: *Revista Brasileira de Educação*. Campinas/SP: Autores associados, n. 15 set/out/nov/dez. 2000. p. 97-117.
- TAKEYA, Denise Monteiro. *Um sonho de Nordeste: algodão na economia do Rio Grande do Norte*. Fortaleza: BNB-ETENE, 1985.
- THOMPSON, E. P. *Tradicón, revuelta y consciencia de clase: Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona: Crítica, 1979.
- TRINDADE, Iracema. O baile da festa. In: *Rastros caicoenses*. Mossoró: Gráfica Tércio Rosado/ESAM, (Coleção Mossoroense), 1983. p.33.
- ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Tradução por Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.